



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE - CAA
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE - NFD
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ELIONARA MARIA DA SILVA

DESCOBRINDO CAMINHOS: Importância do envolver-se em Arte no contexto escolar -
Breves olhares bibliográficos

Caruaru
2022

ELIONARA MARIA DA SILVA

DESCOBRINDO CAMINHOS: Importância do envolver-se em Arte no contexto escolar
- Breves olhares bibliográficos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de monografia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Área de concentração:
ARTE/ARTEDUCAÇÃO.

Orientador (a): Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo

Caruaru

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Elionara Maria da.

DESCOBRINDO CAMINHOS: Importância do envolver-se em Arte no contexto escolar - Breves olhares bibliográficos / Elionara Maria da Silva. - Caruaru, 2022.

54 : il.

Orientador(a): Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Pedagogia - Licenciatura, 2022.

1. Arte. 2. Arteducação. 3. Currículo. 4. Prática Pedagógica. 5. Práxis. I. Azevedo, Fernando Antônio Gonçalves de . (Orientação). II. Título.

370 CDD (22.ed.)

ELIONARA MARIA DA SILVA

DESCOBRINDO CAMINHOS: Importância do envolver-se em Arte no contexto escolar
- Breves olhares Bibliográficos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de monografia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Manuel Bandeira dos Santos Neto (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª. Dr^ª. Sandro Guimarães de Salles (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico este trabalho primeiramente ao amor da minha vida, que é minha sobrinha, Eloáh Sophia que me traz luz e energia para ver o que há de belo na vida, fazendo Arte e me transformando como ela costuma dizer em uma criança-adulta para aproveitar e apreender de forma genuína sobre os movimentos artísticos em todo meu cotidiano, força e motivação na minha caminhada acadêmica, vislumbrando a esperança de como a escola e a Arteducação transformasse não apenas minha pequena. Mas que eu com pouco possa contribuir, para todas crianças que precisam e merecem desse olhar com tanto amor, mas também compreensão da necessidade do seu desenvolvimento através do mundo que só disciplinas artísticas/filosóficas podem lhes dar. Dedico a você que está lendo este trabalho com postura de acreditar que a Arte é partida e recomeços de aprendizagens infinitas.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos serão breves, sempre fui um pouco solitária, ou melhor, sempre aproveitei minha solidude, mas a verdadeira felicidade sempre é genuína e imensurável quando temos alguém ao nosso lado, por isso minha querida mãe (a quem preciso dizer todos os dias que amo e mesmo assim não é suficiente) você sempre foi uma mulher muito forte em quem pude confiar até meu lado julgado como falho e ruim, ao meu amado irmão que me ensinou que não é apenas a força, mas também a estratégia que vai me levar onde eu quiser (você me presenteou com minha filha do coração que, sempre amarei Eloáh como minha filha e acompanharei seus passos). Somos em quatro agora, minha família, meu aconchego. Vocês me ensinaram que o importante é continuar, não importa se mais devagar ou mais rápido, a perseverança é um pilar importante na vida de um ser humano.

Meu mestre de Jiu-jitsu (meu irmão), obrigada por me trazer a consciência que estudar e planejar seja na Arte do jiu-jitsu ou na Arte da vida faz toda diferença, e ainda como somos honrados quando estamos na posição de ensinar aos nossos colegas, pois não importa a graduação seremos sempre iguais e devemos respeito uns para com os outros.

Meu tio Marcos que me deu como incentivo minha ferramenta para trabalhos que me acompanhou durante todo o percurso, obrigada por me dar oportunidades de seguir meu caminho, e ver nossas semelhanças na vida. Meu querido tio sempre fostes um exemplo de pessoa aos meus olhos e coração, e logo ver em você depois de reconhecimento para mim, enxergando caminhos que eu poderia conseguir caminhar e chegar a lugares inimagináveis seja dentro de um livro ou em qualquer lugar do mundo, através do conhecimento. Muito do que sou só entendi quando me vi refletida em você, com meu jeitinho e imperfeições, apreendendo como a ramificação familiar muitas vezes grita não necessariamente dos pais, mas em meu caso, do meu tio Marcos, obrigada pelo tempo e aproximação da sua sobrinha que lhe admira tanto.

Para finalizar meu avô, você partiu, mas sei que você vai sorrir de onde estiver quando eu estiver formada, foi assim até seus últimos momentos quando me via entrando no seu quarto para cuidar de você, do meu jeito, mas saiba que sou grata por me trazer outras perspectivas na vida. Minha (vóZinha) você também se foi, penso que você estaria orgulhosa de mim, olha só estou loira e a cada mudança que faço lembro você me recebendo na sua casa me chamando de princesa... sinto tanto sua falta, mas lembro de quando carregava minha carteirinha do ônibus para eu conseguir me formar em TSB (Técnica em Saúde Bucal - onde eu aprendi a apreender e ter empatia em qualquer situação), e depois o quanto estava

orgulhosa e ansiosa em me ver atuando depois de graduada na tão falada Universidade Federal, eu me atrasei um pouco Zinha, mas ainda vejo seus olhos, como se orgulhava da minha dedicação, agora estou ainda melhor e de algum jeito penso que me olharia com esses mesmos olhos, ainda mais feliz por ser a mulher que sou hoje... Aos demais da família que torcem por mim, assim como raros colegas que me apoiaram no caminho, as vezes mesmo distante, a equipe que formamos para compartilhar conhecimentos com meu orientador Fernando Azevedo e meu colega William Paes, e posteriormente seu irmão Wesley Paes que em particular me ajudou nas traduções necessárias, meu muito obrigada, vocês seguraram minha mão e eu me senti mais firme. Mas quem mais eu agradeço é a mim mesma e a minha disposição de aceitação e adaptação, e o amor em apreender sempre mais, pelas todas as coisas boas sou grata e as más também, juntas elas me lapidaram e sei que ainda tenho muito a caminhar, mas também a ensinar.

Certo ou errado, o caminho que escolheu é seu.

Aparentemente pensarás que tomou a decisão mais confusa existente,
de fato, esse lugar tem muitas coisas, mas não o erro,
pode ter certeza que tirará valiosas lições para seguir o caminho.

Elionara Maria. (2022)

RESUMO

Este TCC busca trazer como a Arte é importante ser trabalhada como disciplina primordial, para isso, passamos cronologicamente observando a metodologia e o currículo dessa disciplina onde podemos observar mudanças. O ensino de Artes pode ser detectado com maiores ou menores dificuldades que vai impactar diretamente na atuação do professor e a aplicação da disciplina de Arte, seja na formação especializada em suas quatro linguagens de atuação (Artes visuais, Dança, Teatro e Música) ou na união deles como forma interdisciplinar como é “ideal” acontecer nas escolas, que encontramos dentro das bibliografias. Precisando ter conhecimento da importância de termos mais tempos para se especializar e dar mais oportunidade de reconhecer cada linguagem artística.

Buscando evidenciar a Arte sempre esteve presente no cotidiano da humanidade, temos o objetivo de compreender o papel da Arte e suas linguagens na sociedade e na formação do pedagogo e suas consequências, esclarecendo que o ensino de Artes na sala de aula tem um papel significativo na construção do ser e até com o teor terapêutico, mas apresentada principalmente em relação a construção de um ser crítico, pensante e interativo na sociedade que está inserido. Ou seja, é importante expor que a Arte é conhecimento.

Palavras-chave: Arte; Arteducação; Currículo; Prática Pedagógica; Práxis.

ABSTRACT

This final paper seeks to show how Art is important to be worked as a primal subject, for this, we go through cronologically observing the methodology and this subject's curriculum where we can find changes, where the teaching of Art can be detected with major or minor difficulties that can impact directly on the teacher's approach and the application of the Art subject in bibliography.

Searching to continue comprehending this movement, evidencing how Art was always present in humanity's everyday life, we aim to comprehend the role of Art and it's modulations in society as far as the school's curriculum, and in the pedagogical practice and it's consequences, clarifying that the teaching of Art in class, has a significant role on the human being's construction with therapeutic content, but mainly presented in relation to the construction of a critic human being, thinking and interactive in the society they are inserted. That is, the Art as knowledge.

Keywords: Art; Arteducation; Curriculum; Pedagogical Practice; Praxis.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	OBJETIVOS.....	14
2.1	OBJETIVO GERAL.....	14
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	14
3	METODOLOGIA.....	15
4	TEMÁTICAS DE ESTUDO.....	18
4.1	ORIGEM DA ARTE.....	18
4.2	ARTE NA ESCOLA – BREVE ESTUDO SOBRE SUA PRESENÇA ATÉ A CONTEMPORANEIDADE.....	19
4.3	PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE ARTE.....	20
4.4	ENSINO DE ARTE E O CURRÍCULO NACIONAL CONTEXTUALIZANDO A LDB E BNCC.....	22
4.5	ENTENDENDO AS METODOLOGIAS DO ENSINO DE ARTE.....	23
4.6	ARTICULAÇÕES ATRAVÉS DO MÉTODO INTERDISCIPLINAR.....	25
4.7	TRAJETÓRIA: DO ENSINO POLIVALENTE E PRECÁRIO ATÉ A VALORIZAÇÃO DA DISCIPLINA DE ARTE ATRAVÉS DA ARTEDUCAÇÃO.....	27
4.8	O QUE HAVIA ANTES DA ARTEDUCAÇÃO - ARTES PLÁSTICAS E EXPRESSÃO CORPORAL.....	28
4.9	ARTEDUCAÇÃO: TRABALHANDO UM NOVO OLHAR SOBRE LINGUAGUENS DA ARTE	29
4.9.1	Musical	30
4.9.2	Dança	33
4.9.3	Teatral	36
4.9.4	Audiovisual (Artes Visuais)	38
4.10	CAMPOS TOCADOS PELA ARTE: QUE POR MUITAS VEZES ESQUECIDOS, APESAR DE LIGADOS A ARTEDUCAÇÃO	40
4.10.1	Literatura como Arte	41
4.10.2	A Arteducação e suas nuances terapêuticas	43
5	ANÁLISE DOS DADOS	46

6	(IN)CONCLUSÕES.....	50
	REFERÊNCIAS.....	51

1. INTRODUÇÃO

Através do contato com o tema nas disciplinas de Interculturalidade (eletiva) e Arte-Educação tanto um trabalho de Prática e Pesquisa Pedagógica concluído por mim e mais duas alunas de pedagogia da UFPE do Centro do Agreste. Após a reflexão sobre minha aproximação de como a Arte é trabalhada e toda a movimentação da pesquisa, nos sentimos provocados a continuar esse trabalho devido na maior parte pela sua expressão cultural possibilitando a (trans)formação de pessoas. A Arte está presente em toda manifestação cultural de forma primordial, assim como auxiliando demais movimentos encontrados no contexto escolar e não-escolar, sendo assim esse mesmo conhecimento não pode ser considerado descartável. Pois vivemos em um mundo rodeado de conexões artísticas, como cenas, imagens, sonoridades, entre outros.

Esta mesma pesquisa tende a contribuir no esclarecimento da importância ou ausência que a disciplina de Arte pode trazer na escola, analisando as nuances da atuação de como o professor/a a utiliza e assim o seu resultado na formação do estudante academicamente e socialmente, dialogando e fazendo conexões para abordar a pluralidade dos seres.

A partir do conhecimento prévio diante das disciplinas e teóricos no qual tivemos contato com a temática observamos que existe uma tendência por diversos fatores de profissionais da educação, desenvolverem em sala de aula um ensino de Arte como superficial e sem exploração de suas potencialidades, com isto o estudante não é apresentado de forma adequada para se aproximar da mesma. Desta forma a Arte, acaba dentro de uma visão que ela tem apenas o papel de preencher datas comemorativas e mesmo assim sendo aplicadas de forma aleatória e sem repercussão no desenvolvimento dos estudantes.

Por isso acreditamos que o atual trabalho tenha o viés de informar e dar suporte profissional, atualizando tanto quem tem a mesma visão, quanto promovendo uma nova reflexão para aqueles profissionais que desejam aperfeiçoar e conhecer possibilidades de recriação desse pressuposto recolhido em estudos anteriores, seja diretamente ou indiretamente, a partir de referências bibliográficas com novas observações e resoluções.

A partir do pressuposto que a disciplina de Arte não é reconhecida, valorizada e incentivada no ambiente escolar na sua totalidade. Seguimos baseados no contexto do nosso objeto de estudo tomamos conhecimento a partir de autores como apoio da contextualização das ideias que serão trabalhadas sobre a o movimento da disciplina de Arte dentro de sala de aula e fora dela o estudo das obras de Herbert Read (2001), Kerdna (2017) e Ernest Fisher (1983), Ana Mae Barbosa (2008), LDB (1996), Siebert & Fischer (2009), Juares da Silva

Thiesen (2008), Maria Eliza D. A André (2012), Clarisse Corrêa Fortes e Souza (2010). Com esse embasamento teórico citados partimos para o reconhecimento dos mesmos na prática educacional contemporânea no qual constatamos a afirmação da caracterização do nosso pressuposto. Dentro do contexto pandêmico que estamos temos um cenário complexo, amedrontador e de evidência de desigualdades sociais no qual trazemos uma contextualização dentro de uma visão mais atual.

A partir desses autores buscaremos como objeto de estudo entender a função do ensino de Arte na escola a partir das práticas pedagógicas trabalhadas em sala de aula, pois há diversas formas de intervenções que esta disciplina pode ser utilizada, sendo ela valorizada ou não dentro das práticas que o professor/a e a escola vem trazendo para o desenvolvimento do estudante, mesmo tendo em vista a sua obrigatoriedade conferida por lei, o ensino da Arte como disciplina ainda não possui a devida importância como as demais disciplinas do currículo escolar.

Trazemos assim este pressuposto de desvalorização ou negligência, e assim, há a necessidade de mudanças na ação da escola e principalmente do professor/a ao olhar e colocar em prática esta disciplina, que é tão importante quanto as demais que estão presentes no contexto escolar.

Para finalizar trazemos reflexões sobre o espaço que a disciplina de Arte tem dentro da turma com sua ausência ou evidência da mesma, trazendo assim conclusões a partir de como ela é trabalhada e suas consequências na vida do estudante a partir dos estudos que forem feitos ao decorrer do trabalho, assim é importante finalizar com a ideia clara a partir da análise de todas as etapas do estudo se ela é trabalhada como uma disciplina primordial, apenas como auxílio de outras disciplinas, de forma relevante ou de forma aleatória, para encontrarmos a resposta da nossa questão-problema de como esse trabalho pedagógico vai afetar no desenvolvimento acadêmico e social dos estudantes em questão. Buscando com estas reflexões permitir evidenciar a importância da disciplina de Arte na formação do pedagogo.

Questão Pergunta: Quais tendências pedagógicas encontradas no ensino da Arte?

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL:

Analisar a importância do ensino de Arte e suas tendências pedagógicas.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Conhecer qual a importância do ensino de Arte.
- Analisar tendências pedagógicas do ensino da Arte.

3. METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se por uma pesquisa de cunho bibliográfico (GIL, 2008), uma vez que, todo o material utilizado é composto por livros, artigos, entre outros. Assim, visitamos e revisamos para ter um aprofundamento na literatura de acordo ao objeto de pesquisa. Por meio das fontes selecionadas construiu-se, sistematicamente, apontamentos inicialmente. A pesquisa segundo Gil quando ele traz que: [...] “o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos” (GIL, 2008, p. 26).

Para que pudéssemos atender aos nossos objetivos, utilizamo-nos da pesquisa do tipo qualitativa com Oliveira (2007) quando ele traz que: o mais importante para quem faz opção pela pesquisa bibliográfica é ter a certeza de que as fontes a serem pesquisadas já são reconhecidas do domínio científico (p. 69).

Continuamos esse pensamento com Deslandes (1994) pois “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (DESLANDES *et. al.* 1994, p. 21).

Este trabalho traz especificações de estrutura, orientação e contextualização para a encontrar possíveis direcionamentos para solucionar problemas, transformações, pensamentos e consequentemente de comportamentos em torno do ensinar e apreender Arte como disciplina primordial. Para isso destaca-se a importância do conhecer a historicidade e funções possíveis que tal área trouxe e vem trazendo para o desenvolvimento humano.

Foi a partir de referências bibliográficas que caminhei produzindo este TCC, mapeando a forma transitória como utilitária, polivalente e escritos sobre a Arteducação nos aprofundando em artigos, livros e produções artísticas paralelas muitas vezes produzidas por mim mesma onde foi nos aproximando do processo de entender a importância da Arte e como ela pode ser adaptada, observando assim como as tendências presentes no espaço escolar poderia caminhar. Nesse último aspecto a experiência da minha vida como estudante, estagiária trouxeram também uma base para compreensão das tendências pedagógicas encontradas na sala de aula, que em conjunto com os teóricos que trazem a resposta para nossa principal pergunta “Quais tendências pedagógicas encontradas no ensino da Arte?”, assim como também o tecer da busca de assumi-la percorrendo através de nossos objetivos com muita responsabilidade.

Assim sendo, com todos os dados obtidos nesse levantamento bibliográfico foi organizado do seguinte modo: primeiramente uma discussão introdutória da minha aproximação com o tema e quais autores bases utilizados sobre Arte de forma histórica e sua prática pedagógica, posteriormente a proposta do modelo “ideal” de ensino em comparação com o comumente encontrado nas salas de aula, abrangendo desde a LDB (Lei de diretrizes e bases da educação nacional), BNCC (Base Nacional Curricular Comum), o componente curricular na escola e a prática de como ensino chega até o estudante, sempre com uma visão com o “ [...] cuidado de ampliar a capacidade das pessoas acolherem a arte, se relacionarem com a arte” (BARBOSA, 2016, s.p.).

Lembrando que apesar de referências teóricas fundamentadas é preciso adequá-las ao contexto cultural de cada escola, então o reforço na herança cultural deixada pela comunidade onde a escola está inserida é de grande importância no trabalho final do ensino da Arte, e da Arteducação seja em um lugar urbano ou do campo, vai trazer uma estética, modelos e referências que transformam o apreender a Arte mais próxima a cultura do estudante demonstrando com mais facilidade como a Arte se molda para enaltecer o lugar de pertencimento de cada ser, não importando o lugar.

Por isso, citamos na importância de saber ler a imagem, e mais, as demais Artes para ampliar o conhecimento e assim ter um desenvolvimento cognitivo, intelectual e de sentidos mais robusto e fluido entre as possibilidades que a vida vai apresentar a cada um, e o mais interessante que esse desenvolvimento é mútuo entre o professor/a e o estudante, chegando a reconhecer no cotidiano as formas de Arte existentes, mesmo que não sendo chamada de Arte como um quadro em um museu.

É importante destacar que buscamos estar visando uma posição de acordo com o estado da Arte, pois essas pesquisas que trazem um cunho do “estado da arte” ou até mesmo “estado do conhecimento”, tem consigo o desafio de trabalhar, trazer a reflexão inclusive como práxis, uma produção mais voltada para o público acadêmico, sendo que não colocando em uma única determinada área e sim podendo ser utilizada em diversos campos de conhecimentos. Por essa questão, destacamos as diversas áreas de conhecimento e aspectos que envolvem a Arte para responder privilegiadamente questões atemporais e mutáveis no campo da atuação. Por isso outro aspecto importante é o fato de ter já aproximação com o tema pesquisado, pois:

Os dados coletados em estudos do tipo estado da arte indicam a atenção que os pesquisadores dão à temática, além de apontar para que aspectos da área da educação voltava-se a preocupação dos pesquisadores. Apontam os temas, subtemas e conteúdos priorizados em pesquisas e mostram a necessidade de algumas

pesquisas, ou seja, mostram que alguns temas são quase que totalmente silenciados (Romanowski; Ens, 2006, p. 45).

Cabe destacar que os estados da Arte requerem mais tempo para a realização das leituras, pelo fato também de ser bibliográfica muitas pesquisas são feitas e durante o processo de escrita muitas outras leituras vão surgindo para enriquecer o trabalho, como aconteceu nesse TCC, só então consegue-se que o assunto seja discutido com mais profundidade.

Para além do apoio teórico é importante que o pesquisador possua experiência e uma certa intimidade em análise de dados. Assim sendo, de forma intensiva, trabalhamos delimitando em um período previsto para realização de cada etapa deste projeto para que fosse possível sua realização de forma satisfatória, através de encontros semanais para socialização e construção de novos nortes, e diariamente o estudo e mergulho profundo tanto nos escritos, quanto em participações e visitas a lugares que traziam conotações diretamente artísticas para aprofundar o lado teórico, com isso pudemos alcançar esse mesmo estado da arte mesmo que em um período menor do que um ano como cita Romanowski e Ens (2006) como tempo necessário. Sendo o desenvolvimento desse trabalho até sua defesa dentro dessa perspectiva, porém em um período com o cronograma que seguiu de Maio/2022 à Novembro/2022.

4. TEMÁTICAS DE ESTUDO

Para compreender esta temática e valorizar a Arte é preciso contextualizá-la, para isso trazemos uma breve informação sobre a história da Arte até chegar ao Brasil com sua inserção na educação formal, especificar como acontece a educação para assim compreender o nosso campo de estudo e como se apresenta o currículo na mesma, para complementar a apreensão sobre Arte, também levantaremos ideias no que traz a LDB e BNCC sobre essa questão do ensino da Arte nas escolas.

4.1 ORIGEM DA ARTE

De origem natural e podemos dizer que até biológica, à Arte metamorfoseia-se como conhecimento para a sobrevivência, até chegar em artifícios de expressar diversas ideias, costumes, recursos e práticas. Esse seguimento histórico perpassa das representações artísticas, através de pinturas rupestres e até mesmo esculturas de pedra que relatavam como os seres humanos decifravam e assim traziam para si a compreensão das organizações do cosmo, do ambiente e o que o rodeia, como também suas fés para dar seguimento nas relações estabelecidas dentro do próprio grupo de convivência.

A partir dessas tendências de representações artísticas de cultura e a compreensão de mundo, a Arte passa a ser compreendida como técnica, de tal forma que foi o apoio para grandes e diversos movimentos que modulam o sentido e a importância da funcionalidade e aproveitamento da Arte. Herbert Read (2001), Kerdna (2017) e Ernest Fisher (1983).

Durante a Idade Média permeando até Idade moderna, isso entre os Séculos XV até XVIII, o que se chamava de Arte se ramificou em diversos estilos que foram do Impressionismo, Romantismo, Realismo, Esteticismo até o Expressionismo, que resultaram na Arte chamada Renascentista que veio alcançando diversos pensamentos e mediações, de forma mais afinada, longe ou até mesmo contraditória, para construir, identificar, e apreciar o ser humano, o universo e as interações que existem e nos inspiram até hoje.

Depois é possível observar, no período da Idade Moderna, articulações como o Renascimento, Barroco e Rococó, por exemplo, que trouxeram uma grande contribuição revolucionadora além das outras Artes modernas existentes, que ampliaram cada vez mais os conceitos de Arte e suas funções sociais, acarretando assim uma grande valorização da mesma. (Kerdna, 2017)

Já na Idade Contemporânea, a transformação veio das análises das culturas primitivas e conhecimentos já existentes, marcada assim pelo movimento das vanguardas artísticas, como o Surrealismo, Fauvismo, Fadaísmo, Cubismo, *Op Art* (Arte óptica) e *Pop Art* (Arte popular), outro ponto importante foi a visibilidade no estudo da psicanálise. No Séc. XX, nasceu o Futurismo que tinha a pretensão justamente de exaltar o futuro em conjunto a imaginação do homem (Kerdna, 2017).

Então chegamos à conclusão que a Arte vai se modificando sendo por hora atividade que fosse sujeita de aprendizado e desenvolvimento técnico com objetivo de facilitar o trabalho até a sua práxis como conhecimento de relevante importância para o desenvolvimento próprio ser humano e suas articulações dentro da própria comunidade, ou seja, do individual ao coletivo, em busca da própria renovação do ser até torna-se integralizado, a partir do processo da própria Arte em relação a vivencia.

4.2 ARTE NA ESCOLA – BREVE ESTUDO SOBRE SUA PRESENÇA ATÉ A CONTEMPORANEIDADE

Inicialmente trazemos a polivalência na Arte, pois é uma questão que veio adentrando na educação via do capitalismo no qual busca resultados em objetivo lucrativo, então quando se tem profissionais multifuncionais na prática, conseguem assim fazer várias funções mesmo que de forma superficial e sem senso crítico e analítico, fazendo diretamente apenas suas funções e com um retorno menor e desvalorizado, ao contrário do que seria um profissional com uma especialidade específica e profunda.

Hoje sabemos que temos especializações através de cursos específicos de Música, Teatro, Artes Visuais e Dança, porém quando se olha sua atuação na escola ainda é cobrado dos mesmos essa estratégia de ensino polivalente onde está presente o ensino a todas as linguagens de Arte, porém de forma mais rasa e muitas vezes até não contextualizada, focada em determinados objetivos que ainda continuam sendo no final capitalistas.

Um grande exemplo e bem presente na sala de aula é de como o livro didático tem esse caráter polivalente, e como é reforçado e cobrado segui-lo a todo custo, deixando de lado as especificidades dos estudantes, seja coletivamente ou individualmente, atrasando ou trazendo um desinteresse do estudante sobre assuntos pertinentes, com visão uma distorcida a Arte uma e conseqüentemente um distanciamento, observamos casos que nem chegam a conhecer as linguagens (Arte visuais, Dança, Teatro e Música) que a Arteducação trabalha e seus reais formatos e objetivos.

Outra questão pertinente seria trazer a realidade do Brasil em relação a escassez de docentes nas redes de ensino. Entendida quando se observa e contextualiza que:

As Políticas Públicas têm fina articulação com o Estado, que por sua vez tem abrangência histórica articulada com a dinâmica das transformações sociais, econômicas, políticas e culturais de uma determinada sociedade, e com a sua capacidade de resolver ou não os problemas e os dilemas de sua época (SILVA, 2001, *apud* DIÓGENES; SILVA, 2020, p. 27914).

Porém, atualmente, lecionar tem se tornado muito complicado, além dos baixos salários, falta de segurança, ainda tem as condições ambientais que não são adequadas para se trabalhar, até mesmo é comum a falta de instrumentos simples disponíveis para fazer atividades com os estudantes, seja simples ou que demanda mais trabalho, o que se tem é discentes com um árduo trabalho a ser feito e com um retorno muito inferior a demanda do seu trabalho, o que acaba com que a qualidade de vida dependendo desse trabalho, seja baixa ou insuficiente, levando esses profissionais até se dividirem em turnos ou áreas.

O professor no Brasil da atual conjuntura, trabalha dois ou três expedientes para, enganando-se, manter um padrão mínimo de qualidade de vida. [...] E ainda pode estar duplamente cometendo um crime, consigo mesmo ao esgotar-se de tanto trabalho, favorecendo a aquisição de patologias como depressão, Síndrome de Burnout e, com o aluno o qual é obrigado a suportar uma realidade cruel que é assistir aula de um professor que não tem habilitação para determinada disciplina, tornando-a chata por não possuir conhecimento em profundidade, portanto, provocando no aluno a sensação de que aquele conteúdo, de fato, não tem nenhuma importância, recaindo isso, sobretudo, na arte (Marquez; Silva; Souza, 2021, p. 5-6).

Todas as áreas hoje no Brasil passam por essa dificuldade quando toca no assunto de investimentos na educação e em todos profissionais que atuam na área, sendo difícil encontrar um espaço de fato adequado para possibilitar o desenvolvimento em geral do objetivo que a educação deveria fazer dentro e fora das salas de aula. Como continua destacando Marquez, Silva e Souza (2021): “Fazer uma relação do analfabetismo funcional com o analfabetismo visual, não é muito difícil [...]” (p. 7) a questão que se levanta então é sobre como trazer de volta estudantes que chegaram até a abandonar a escola de forma intelectualmente se tornando esses “analfabetos em criticidade”.

4.3 PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE ARTE

Nesse ponto é importante trazer estudos sobre a metodologia do ensino da Arte usada em sala de aula para termos um parâmetro do ensino “ideal” comparada ao ensino que temos possível na realidade do ato de lecionar, entrelaçadas a suas interferências.

Como temos em vista que a Arte tem cunho interdisciplinar também achamos de suma importância abordarmos em um tópico específico sobre o assunto de como isso pode ser trabalhado, para que de fato este trabalho também possa ajudar aos professores a terem uma nova visão e uma base de como seria o “ideal” para adaptar a sua realidade, possibilitando a esses profissionais enxergar que é possível ter um processo de valorização da Arteducação mesmo dentro das dificuldades diárias do contexto do seu trabalho, seja ela, posta de forma mais sutil, pontual, ou de ambas as formas.

Para isso, é importante conhecermos as formas como temos apresentado em contextos gerais para, a partir disso, identificarmos se a disciplina de Arte está sendo enriquecedora ou, pelo contrário, sendo alienadora e distanciando os estudantes da mesma. Destaca-se que:

Atualmente, o ensino de Arte, reconhecido por lei como sendo obrigatório, tem ganhado espaço em todas as instituições escolares, o que é sem dúvida de grande importância para a ampliação e enriquecimento da área. Porém, ao competir com outras áreas do conhecimento consideradas mais necessárias, frequentemente o ensino de arte acaba subjugado e reduzido a uma espécie de “disciplina secundária”, decorrente da falta de conhecimento por parte dos professores em geral (CRUZ, 2005, p. 122).

Por falta de formação, sem práxis, sobre a importância didática a partir da orientação do professor, corremos um sério risco de diminuir o desenvolvimento do seu trabalho de reflexivo e crítico para algo apenas instrumental sem um real valor. Se munir de referências artísticas não pode estar sendo visto apenas pelo lado teórico, mas entrelaçado com o sentir, a ausência, e diversos processos que a Arteducação busca alcançar para se ter um desenvolvimento humano mais completo, seja em qualquer faixa etária, desde que sempre adaptada para tal. Como reforço, é importante ter em mente sobre estar constantemente se “reciclando” inclusive, ou:

Assim, distanciados das finalidades educativas do ensino da arte, retornam à valorização da habilidade manual e ao clichê do dom natural. Verifica-se que, mesmo nos espaços específicos para ensino de arte, ainda se faz necessário o investimento na formação e na atualização de professores (CRUZ, 2005, p. 122).

Os reflexos no desenvolvimento que a arte pode trazer para/em uma criança ou adolescente que passaram por um profissional sem nenhuma capacitação concreta na área são consideravelmente negativos.

Em algumas exceções, podemos ver que dependendo do professor e sua prática, mesmo ele/a não tendo um conhecimento vindo de especializações, pode acontecer de seu trabalho chegar até a ser mais consistente do que aqueles que as possuem e que mesmo assim trabalham superficialmente, seja por , acomodação, falta de incentivo econômico ou até regras

que acabam enquadrando seu trabalho em um padrão mais tradicional e fechado – o oposto proposto em uma aula mais “ideal” de Arte – mesmo em teoria, deveria estar preparado e executando suas aulas com seus estudantes com maestria como o esperado.

Então, o estar disposto a fazer a mudança e se adequar a realidade é essencial para conseguir resultados positivos, ou melhor com excelência.

4.4 ENSINO DE ARTE E O CURRÍCULO NACIONAL CONTEXTUALIZANDO A LDB E BNCC

Alguns processos que ocorreram na lei foram profundamente benéficos para o ensino da Arte, pois afirmam sua centralidade. Podemos trazer como recorte, sobre intensificação da valorização do ensino de Arte nas alterações da LDB, que diz:

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.

§ 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação infantil e do ensino fundamental, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos [...] (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013).

Porém mesmo diante dessa lei, ainda assim não podemos declarar que abarca todos aspectos em questão de trazer para os professores e seus estudantes uma atividade onde serão desenvolvidas plenamente como o “ideal”. Então, dentro desse viés, Souza (2010), nos apresenta que:

Se de um lado esses parâmetros consolidaram, no país, a transição dos currículos produzidos durante o regime militar para currículos mais democráticos, por outro, as novas direções propostas tiveram algumas dificuldades na implantação de estruturas do sistema escolar. Em geral, quem quer realmente fazer um bom trabalho em Arte nas escolas não consegue fazê-lo sem uma boa dose de dedicação e de engajamento pessoal. Isso pode ser traduzido em inúmeras horas extras, em trabalho noturno e em finais de semana. Professores de Arte concordam que todas as séries do Ensino Fundamental deveriam ter como requisito mínimo duas horas por semana de aulas de Arte. Na prática, ainda são poucas as escolas públicas que conseguem manter um oferecimento regular e qualificado na área de Artes. A diminuição da carga horária das aulas de arte e a dificuldade dos professores em manter a disciplina como parte integrante do currículo contrastam com as tarefas cada vez mais abrangentes com que eles se defrontam em decorrência da ampliação do conceito de arte (p. 05).

Assim, tendo em mente que o tempo escolar e a duração de aula têm suas limitações e que de fato há preferências no ensino em maior ou menor grau de acordo com a matéria didática apresentada, tanto a didática quanto a organização curricular precisam ter uma

atenção voltada ao que deve chegar ao estudante, visando sempre a realização de cada disciplina.

Com isso, Souza pontua bem três nortes para se ter como base para que a disciplina de Arte não seja posta de lado, que são: a apreciação para basicamente compreender como a Arte é constituída, segundo a produção que vai ser o ponto de estímulo para criar, e a reflexão que é a produção artística sobre a realidade contemporânea. Ana Mae (2008) apresenta essa mediação do ensinar Arte de forma mais estruturada a partir da:

Contextualização (aliando história da Arte e contemporaneidade), da leitura de imagem (de obras de arte, da produção individual e dos colegas) da diversidade cultural (respeitando a cultura em que o aluno está inserido e facilitando seu acesso a Arte), produção artística (técnica e criatividade) e respeitando e inserindo conceitos pertinentes à área de Arte (termos técnicos e acesso a espaços culturais). Sendo que, todas elas podem ora estarem separadas, ora intrínsecas ou em pares, mas, que em todo esse processo estejam presentes (BARBOSA, 2008, p. 07).

Não é interessante que as adversidades encontradas sejam desconsideradas ou recusadas na avaliação dentro do espaço pedagógico, porém, além de considerar como agentes que impossibilitam uma prática competente e especializada, precisamos dar enfoque que esses dilemas podem fazer compreender o carecimento de uma metodologia voltada especificamente para Arte, e fortalecer assim a ideia de destrinchar as viabilidades da prática educativa e pedagógica de um jeito que ultrapassem essas dificuldades de antemão, já que ela tem a capacidade de permitir moldar-se a partir de cada realidade.

Outro ponto importante quando pensamos na relação do componente curricular de Arte é como se dá esse processo com a atual modelo de políticas públicas com a BNCC. Como traz Pimentel e Magalhães (2018):

Há que se estar, portanto, em Estado de Alerta para que políticas educacionais impostas sem a devida discussão tragam prejuízos ao ensino/aprendizagem em Arte e para que os próprios especialistas da área de Artes se unam, em suas diferenças teóricas, em torno da preservação e da ampliação do ensino/aprendizagem em Arte no contexto escolar. [...] Práticas educativas planejadas exigem uma atuação docente crítica para o componente curricular Arte e suas respectivas modalidades artísticas. O debate é imprescindível diante das incertezas e dúvidas que surgem em um cenário educacional que precisamos resistir para existir ou é preciso reinventar o ensino/aprendizagem em Arte? (p. 229-230).

4.5 ENTENDENDO AS METODOLOGIAS DO ENSINO DE ARTE

Para entendermos a relevância de haver uma metodologia do ensino de Arte, é importante refletir através da visão pedagógica, isso quer dizer que temos que nos atentar a parte que a Arte traz influências para que seja formado cidadãos, e como vimos isso vai da

esfera individual a coletiva. Com isso trazemos Fischer (1983) que realça o papel das artes cênicas, por exemplo, e também toda direção “ideal” de todas as formas de Arte e ramificações proveniente desta.

E mais, de acordo com o mesmo, vivemos em um mundo alienado, e para que possamos revelar esse estado e trazer à tona a realidade social sob uma nova perspectiva podemos nos munir da atratividade das obras de Arte, trazendo uma identificação com a realidade do público para que esse apelo de trazer a razão não seja obrigatório, mas de própria compreensão e decisão de quem está em contato com a Arte, conduzidas de formas imperfeitas e até inconclusivas para que ao longo desse reconhecimento se formule um juízo final (FISCHER, 1983).

A Arte é um conhecimento crucial para a identificação e expressão cultural, além de ser também para o desenvolvimento pessoal, como destaca Barbosa (2008) “não se trata mais de perguntar o que o artista quis dizer em uma obra, mas o que a obra nos diz, aqui e agora em nosso contexto e o que disse em outros contextos históricos a outros leitores”.

Então, a articulação que se dá entre a Arte e o desenvolvimento humano, está implícito e fragmentado no cotidiano de cada ser, seja no imaginário/pensamento ou na prática, isso ocorre devido sua forma de participação, que é mais natural e orgânica. Por isso, diversas vezes, nota-se uma negligência em como é vista e repassada, gerando assim uma desvalorização ou até desconhecimento de seu uso. Nesse sentido Read (2001) escancara a situação da prática pedagógica no ensino de Arte colocando que “a forma de uma obra de arte é o aspecto que ela assume”. E mais:

Os melhores resultados não podem ser correlacionados com qualquer sistema de ensino ou quaisquer qualificações acadêmicas do professor. [...] bons resultados dependiam da criação, na escola ou na aula, de uma atmosfera de compreensão. [...]. A atmosfera é a criação do professor, e criar uma atmosfera de compreensão, de feliz atividade infantil, é o principal, e talvez o único, de ensino bem-sucedido (READ, 2001, p. 328).

A partir dessas ideias pode-se concluir que pertence ao professor guiar o estudante neste universo mais lúdico e é o mesmo que terá um objetivo em trazer para o estudante uma maior compreensão sobre as esferas culturais, sociais, cotidianas e acadêmicas.

O ensino de Arte dentro do espaço escolar tem a possibilidade de ser a melhor, se não uma das principais possibilidades para que o estudante possa desenvolver bem na sua compreensão em torno do real e do lúdico e suas dimensões criativas de aprendizado. O ensino de Arte, como algo único, é capaz de transmutar um todo, se o mesmo todo for dirigido de forma adequada ao aprendizado deste ensino.

4.6 ARTICULAÇÕES ATRAVÉS DO MÉTODO INTERDISCIPLINAR

Quando pensamos em maneiras de articular aprendizados em busca de um desenvolvimento mais completo, existem maneiras de mediar esse aprendizado através do ensino de Arte, é nessa parte que destacamos o método interdisciplinar e sua aplicação. Como Clarissa Corrêa nos traz, “diante desse mundo globalizado, que apresenta muitos desafios ao homem, é assim que a educação manifesta a necessidade de se romper com modelos tradicionais para o ensino” (FORTES, 2009, p. 02).

Então é importante entender que mesmo estando em um sistema estruturado o objetivo não é isolar os objetos do seu meio e isolar frações de um todo.

Sabemos que a escola envolve em um ambiente de ensino o romper de fragmentações conectando os saberes e a vida cotidiana do estudante para formação mais completa de um cidadão, por isso é importante a aprendizagem e disciplina no ambiente escolar, porém esses não são os únicos conceitos que podem lhes ser atribuídos, mas galgar para novos rumos metodológicos que trarão mais excelência na formação, tanto escolar quanto social, como destaca Thiesen (2008), “o mundo está cada vez mais interconectado, interdisciplinarizado e complexo. É partindo dessa possibilidade que a educação vai visar possibilidades de um lugar legítimo de aprendizagem, produção e reconstrução de conhecimento” (p. 550).

Paulo Freire (1987), conceitua que a interdisciplinaridade é um procedimento metodológico e de construção do conhecimento. Ou seja:

[...] construção do conhecimento pelo sujeito com base em sua relação com o contexto, com a realidade, com sua cultura. Busca-se a expressão dessa interdisciplinaridade pela caracterização de dois movimentos dialéticos: a problematização da situação, pela qual se desvela a realidade, e a sistematização dos conhecimentos de forma integrada. De todo modo, o professor precisa tornar-se um profissional com visão integrada da realidade, compreender que um entendimento mais profundo de sua área de formação não é suficiente para dar conta de todo o processo de ensino (FREIRE, *apud* THIERSEN, p. 551).

Em suma compreendemos que o ensino interdisciplinar é seguido de uma formação construtivista através da reflexão, interação, articulação entre as disciplinas e a história cultural, (BARBOSA, 2008), trazendo uma articulação e a contextualização da histórica, das suas origens até a atualidade, cercada de conceitos, mas também procurando sempre respeitar e valorizar a cultura, dando abertura para as diversidades apresentadas na própria sala de aula com os estudantes e sua comunidade, a partir disso é possível conseguir estimular os

estudantes para a criação e recriação das produções artísticas contando assim com a criatividade e interesse pela Arte.

Lembrando que a tecnologia pode ser uma aliada nesse desenvolvimento do estudante de diversas maneiras na qual o docente pode planejar sua metodologia. É importante destacar que mesmo com a pandemia de covid-19 e suas influências sobre a educação brasileira iniciada oficialmente em 11 de março de 2020 e que de fato trouxe grandes desafios em todas as áreas, inclusive na educação.

Nesse momento, as escolas precisaram ainda mais tomar um posicionamento de adaptação e inovação. Pois esse vírus, que começou como uma contaminação que inicialmente aparentava ser uma gripe, posteriormente uma pneumonia, se alastrou de uma forma que a Organização Mundial da Saúde (OMS) precisou fazer a declaração de necessidade de medidas isolamento e proteção da população em geral, como distanciamento social, uso de máscara, desinfecção de objetos e mãos a todo momento, com o objetivo de preservar o máximo de vidas possíveis.

Além disso, o Brasil com uma crise econômica profunda já existente que passa a se evidenciar, pois com bases em reformas econômicas e trabalhistas que não vêm funcionando para garantir emprego e renda, acarretando na população com índices de pessoas desempregadas, endividadas e na miséria, que só aumentam. Dentro da delicada situação política que se faz presente, marcada pela circulação de “*Fake News*”, as pessoas são levadas a ignorar na maioria das vezes as normas de segurança, prejudicando a luta contra alienação da população e a preservação da vida.

Foi dentro desse contexto também que há um período de cortes sucessivos de investimentos para a educação com o surgimento da Emenda Constitucional 95/2016, que estabelece um teto nos gastos públicos que tem como um dos objetivos o congelamento orçamental durante os próximos 20 anos, ou seja, com a austeridade que o Brasil passa a enfrentar, acaba sendo um fator determinante que decai ainda mais a situação da educação no país.

Com isso chegamos no cenário onde as escolas tiveram que ser fechadas, assim as tecnologias e adaptações passam a entrar em ação para que esses danos fossem amenizados com muita determinação de todos aqueles que acreditam nos processos científicos e a importância de usá-los ao favor da população, a todos os níveis econômicos e sociais. A escola entra com um grande papel informativo e ainda mais forte na construção de métodos de possibilitar acesso ao conhecimento.

Um marco importante é como a tecnologia passa ser reconhecida como uma forma construção de conhecimento, sempre atrelada a um planejamento e adequação para cada disciplina, faixa etária, entre outros. E isso decai inclusive na disciplina de Arte, que continuou “auxiliando” muito as demais disciplinas, mas também abriu a porta para o reconhecimento da diversidade de conhecimento que Arte possui, chegando aos estudantes usando desde o celular a computadores, para que assim todos continuassem com seu direito a educação preservada.

E apesar de não se ter ainda uma capacitação nessa área tecnológica para os professores/as, uma solução que se observa é a formação continuada, pois é de extrema importância para esses profissionais estarem preparados para os desafios que vão encontrar.

Na LDB 9394/96, a formação continuada tem por finalidade assegurar aos profissionais da educação o aperfeiçoamento da profissão por meio da intervenção institucional pública (municipal ou estadual), como rezam os artigos: Artigo 87 (das disposições transitórias) - Cada município e supletivamente, o Estado e a União, deverá: Parágrafo III- realizar programas de capacitação para todos os professores em exercício, utilizando, também para isso, os recursos da educação a distância. Artigo 67 (dos profissionais da educação) – Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público (BRASIL, 1996. In: SOUZA; BEZERRA; SILVA. 2016. p.22).

Essas “tecnologias educacionais” posteriormente foram adaptadas e utilizadas dentro da escola, na própria sala de aula, com recursos como o projetor, a sala de informática – nas escolas que as possui – também passa a ser utilizada não apenas para recreação ou passar o tempo, mas como métodos de ensino mediados pelo professor/a manejando seu uso da forma mais assertiva para seus objetivos serem alcançados e trazerem uma diversidade e entusiasmo no processo do desenvolvimento do estudante. Como tem a proposta da chamada Arteducação com a busca da amplitude desses pontos tão essenciais para a vida de cada cidadão que está sendo formado.

4.7 TRAJETÓRIA: DO ENSINO POLIVALENTE E PRECÁRIO ATÉ A VALORIZAÇÃO DA DISCIPLINA DE ARTE ATRAVÉS DA ARTEEDUCAÇÃO

A seguir, mapeamos a trajetória do ensino de Arte dentro da educação, ressaltando os dois pontos essenciais para compreensão e identificação das tendências pedagógicas atuais para análise da mesma, buscando trazer a práxis dos profissionais que já atuam e a reflexão dos que vão entrar no mercado de trabalho, compreendendo como sua prática afeta no desenvolvimento humano.

4.8 O QUE HAVIA ANTES DA ARTEDUCAÇÃO - ARTES PLÁSTICAS E EXPRESSÃO CORPORAL

Inicialmente o que acontecia na formação docente era essa polivalência na área a partir da concepção artística com formação em licenciatura feita apenas em dois anos, onde se requeria praticamente uma especialização em técnicas baseadas nas linguagens artísticas para ser aplicada, como vemos até os dias atuais em muitas escolas a utilização da Arte como um auxílio/ferramenta para as demais disciplinas e suas área em si, como um momento livre, sem muito planejamento ou importância para trazer o desenvolvimento dentro da disciplina para o estudante em si e suas habilidades escolares ou não escolares. Vemos isso desde:

Após a chegada dos militares ao poder, em 1964, a educação brasileira, passou por diversas transformações implementadas por meio das leis 5540/68 (Reforma do Ensino Superior) e 5692/71 (Reforma do ensino de 1º e 2º graus). Com essa Lei, a música, o teatro, as artes plásticas e o desenho- substituído mais tarde pela dança-, passaram a fazer parte do currículo escolar como elementos integrantes de uma única disciplina: Educação Artística. Nessa época, o ensino de música dentro dessa área mais ampla - ou talvez por isso mesmo -, foi perdendo visibilidade. Muitos fatores podem ter contribuído para essa invisibilidade. Aponto um deles: o despreparo dos professores para atuar nessa área diante das exigências de que deveriam dominar não somente os saberes referentes à Música, como também os das áreas de Artes Plásticas e Expressão Corporal (MARTINOFF, 2017, p. 14).

Atualmente, espera-se que o trabalho do professor/a seja desenvolvido se utilizando de diversas linguagens artísticas, e não dessa forma polivalente anteriormente citada, reconhecendo a interdisciplinaridade como “ideal”.

Entretanto, quando vamos para as salas de aula na maioria das vezes o que se encontra é a ausência do que esse modelo “ideal” significa e como ele é importante no desenvolvimento completo do estudante, assim havendo uma distorção de sua utilização voltando para o sistema de polivalência, com isso, o detrimento da disciplina de Artes como um mero auxílio ou passa tempo, observados nitidamente em projetos de ensino sem uma preparação pedagógica eficiente, atrativa e mais objetivada do professor.

Além da ausência teórica, existe a carência de profissionais licenciados em Artes, fazendo com que os professores/as que não tenham o mínimo preparo ou orientação assumam um papel tão importante. E isso vem crescendo em áreas não apenas da Arte, mas também Sociologia, Filosofia e em outros campos de conhecimento, que acabam sendo utilizados diretamente para o objetivo do capital e não para a busca do aprendizado a criticidade sobre o mesmo.

Mesmo não sendo excluída totalmente, a forma de fazer e contextualizá-la é totalmente diferente, o que muda consequentemente como se ler, compreende e pratica a mesma, trazendo um distanciamento das diversas Artes que podem e estão presentes na vida cotidiana de todos envolvidos. Mesmo que o acesso à internet tenha trazido uma aproximação, esse movimento não é aproveitado por não se ter o conhecimento de como reconhece-la e saber ler cada um de seus aspectos. Como traz Martinoff (2017), “diante de tanta mudança parece haver necessidade de outro tipo de preparação para os professores generalistas ou unidocentes (os que ficam a maior parte do tempo com os alunos) para atuar com as linguagens artísticas [...]” (p. 91-92).

Então, é nesse momento que vemos a importância da qualificação do profissional, sendo uma solução a formação continuada e a própria valorização da Arte ainda dentro da graduação com inserção como disciplinas na grade curricular do curso de Licenciatura em Pedagogia, e até mesmo na matriz curricular das escolas.

Talvez não seria ainda o suficiente, porém é um começo interessante a se pensar na valorização da disciplina de Arte, para que haja uma reconquista do espaço da Arte, não de forma somente específica, mas de forma ampla em possibilidades ainda dentro das escolas para professores/as de áreas específicas ou não, lembrando sempre da importância desse processo chegar até o discente.

Dessa forma, seja dentro do espaço da disciplina de Arte em si ou como em atividades extras oferecidas em seus contra turnos, fazendo com que realmente aconteça a valorização e o despertar do prazer, do participar e do elaborar Arte com toda compreensão da sua importância e significados transbordando assim o desejo de continuar apreendendo.

4.9 ARTEDUCAÇÃO: TRABALHANDO UM NOVO OLHAR SOBRE AS LINGUAGENS DA ARTE

Compreendemos que a Arteducação é sustentada a partir de quatro linguagens onde temos, o teatro, a dança, a música e artes visuais. Assim sendo temos dentro da escola diversas possibilidades de se trabalhar em favor desse movimento que é tão construtivo, seja psicologicamente ou fisicamente. Mas para compreendermos todas essas nascentes e processos de práticas, precisamos abrir espaço para a história que atravessa a Arteducação. Por isso:

Interpreto, hoje, que o que Marcos Vilela observava era o diálogo entre as ideias Modernistas, que alimentaram o Movimento Escolinhas de Arte com as ideias

Pós-Modernistas, que impunham transformações a teoria e a prática para Arteducação brasileira. (AZEVEDO; ARAÚJO, 2020, p. 77).

Por isso é importante destacar:

[...] que são muito importantes para a formação humana e que para tanto dependem de uma proposta de Arteducação que busque não a fragmentação, por exemplo, entre quem conhece com o que conhece –entre epistemologia e ontologia –mas que parta de uma articulação entre ambas (AZEVEDO; ARAÚJO, 2020, p. 80).

4.9.1 Musical

O estudo da música, como fenômeno histórico, não é algo conhecido só atualmente, mas sim de muito tempo atrás realizado especificamente por historiadores e musicólogos, mas também vale acrescentar estudiosos de outras áreas como jornalistas e eruditos, partindo da historiografia até chegar nos dias atuais.

É fato que a música é uma fonte histórica de representações de cada época e povo, podendo saber acontecimentos históricos a partir de obras musicais, entrando então como campo de saber, e por ser um campo de saber a música traz contribuições para renovação da própria história e reflexões, seja como disciplina ou campo de conhecimento.

Em parte, a música produzida pelo ser humano é referida ao contrapondo a obra musical inclusive dentro do que se chama obra poética com sua “letra”. Esse é um dos motivos de tê-la como objeto de estudo, mesmo essa parte não sendo propriamente a música, porém nesses casos o estudo se torna incompleto.

Ter a música como temática é importante considerar todos aspectos da mesma. Uma música (uma composição musical), independente de vir ou não integrada a uma dimensão poética, é uma forma de expressão artística que envolve aspectos diversos como forma, gênero musical, estilo, elementos variados de estética musical, ritmo, melodia, harmonia, timbre, instrumentação, performance, mediação através do intérprete, entre outros mais que poderiam ser citados. É aqui que reside a dificuldade maior do historiador da música que carece totalmente de uma formação musical. Não estou afirmando com isto que todos os estudiosos que desejem abordar a música como objeto ou fonte precisem ter a dupla formação de historiador e músico. Mas é certamente necessário que o historiador, quando não possui formação musical propriamente dita, avizinhe-se seriamente dos conhecimentos pertinentes a aspectos musicais como os que foram citados acima. É preciso compreender, pelo menos, o vocabulário e o sistema conceitual da Música (BARROS, 2018, p. 27).

Na pintura ou escultura por exemplo, que são objetos artísticos, sua forma se apresenta de uma única vez ao seu expectador, já quando nos referimos a uma composição musical quando apresentada possui uma sequência imposta dentro de um tempo, por isso ela é caracterizada como Arte temporalizada, isso acontece dentro do teatro ou cinema.

Por isso é importante se ater ao ritmo, escala escolhida, melodias, estética, estilo, se contém alguma harmonia ou aleatoriedade, quais instrumentos foram escolhidos, pois existe uma explicação para cada uma das escolhas, onde o olhar para esses movimentos de forma analítica é utilizado como fontes para encontrar aspectos históricos, que remete da política, cultura, até mesmo a vida cotidiana.

O problema da música como fonte, e também das fontes para estudo da música como objeto de análise, traz-nos aspectos importantes. De um lado, podemos considerar as diversas fontes que podem ser utilizadas para a compreensão da história da música. De outro lado, a própria música – uma realização musical ou uma composição – pode ser utilizada para a compreensão da história como um todo. (BARROS, 2018, p. 29).

Devido a alma da música como Arte performática ou recreativa, é necessário que haja um tempo para que a mesma venha se materializar através do movimento dado pelo intérprete, pois a música tem a questão de desaparecer do lugar até que a invoquemos novamente através do artista – seja presencialmente ou através de tecnologias - para os ouvintes.

É muito conhecido, desde tempos antigos, o uso da música como meio de representação para a História. Os antigos gregos e romanos, assim como os artistas medievais, contaram histórias – ou mais propriamente narrativas relativas a processos históricos pretensamente ocorridos – através da música. As escolas de samba, no Brasil República, oferecem através da sua história, inúmeros exemplos de criações de narrativas historiográficas através dos sambas-enredo. Conjuntos de rock também encaminham composições com representações históricas. Trata-se, em todos os casos, de uma composição histórica mais ou menos livre, literária ou poética, que mais seria aparentada aos romances históricos livremente desenvolvidos que aos trabalhos de historiografia. Podemos nos perguntar se um dia os próprios historiadores não usarão a linguagem musical e seus recursos como caminhos para a expressão de sua escrita historiográfica. Tal empresa, obviamente, exigiria o concurso de dois campos de saber e de expressão: a Música como forma da expressão artística e linguagem, e a Histórica como disciplina científica. (BARROS, 2018, p. 33).

Ao decorrer da história de uma disciplina que vai se desdobrando, acontecem transformações que são essenciais para a sua compreensão com a própria relação existente com a sociedade. Por diversas vezes, talvez aconteça de haver uma sensação que apenas os fatores que são internos é que estão relacionados com a ciência tocante para explicar sua trajetória com mais fidelidade.

Porém, quando vamos para a prática escolar dependendo de cada época, podemos observar a influência existente do ser humano e sua sociedade em um movimento para o que se quer. Com isso, é fato que em consequência o papel da escola dentro dessa sociedade também será passível de alterações.

O ensino de música, desde que foi instituído oficialmente nas instituições públicas brasileiras, na segunda metade do século XIX, tem passado por transformações, seguindo diferentes tendências pedagógicas, como a pedagogia tradicional ou a escolanovista. Diferentes concepções filosóficas contribuíram para essas modificações, levando os responsáveis pela elaboração das normatizações educacionais e sua execução, a esperarem que a música viesse a desempenhar diversos papéis na educação. [...]Na escola brasileira, desde o século XIX, a música foi vista como um instrumento ou elemento de controle social e de fomento ao espírito patriótico [...]. Assim, dependendo da forma como era concebida pelos educadores e da sua capacidade de atuar sobre os alunos, a música podia ser mais ou menos importante no currículo escolar. Após a chegada dos militares ao poder, em 1964, a educação brasileira, passou por diversas transformações [...]. Nessa época, o ensino de música dentro dessa área mais ampla - ou talvez por isso mesmo -, foi perdendo visibilidade. Muitos fatores podem ter contribuído para essa invisibilidade. Aponto um deles: o despreparo dos professores para atuar nessa área diante das exigências de que deveriam dominar. (MARTINOFF, 2017, p. 13-14).

Então, o que acontece com os decretos, pareceres, leis e portarias, foi possível conhecer a trajetória histórica da regulamentação do ensino de música e os papéis que os educadores e elaboradores desses documentos esperavam que esse ensino viesse a desempenhar na escola pública brasileira. Desde usada como recurso para o controle social através de disciplina, até uma possibilidade de sensibilização para desenvolvimento de conhecimento, e assim também o enaltecer artístico e do lazer (com suas limitações).

A música na escola, em sala de aula vai trazer uma motivação para os estudantes seja como disciplina isolada, mas também base junto às demais disciplinas. Pois, se olharmos desde a educação infantil a musicalidade é muito utilizada, por trazer resultados muito positivos. Para percebermos de forma mais simples os caminhos percorridos legalmente, veremos no quadro abaixo essa trajetória na parte legislativa, as características desse período e seu papel:

FIGURA 1 - Trajetória legislativa do ensino de música no Brasil.

LEGISLAÇÃO	CARACTERÍSTICAS	PAPÉIS
Decreto 1.331 A, de 17/02/1854	Noções de música e exercícios de canto	Controle social
Lei 81, art. 71, de 06/04/1887	Canto Coral	Sensibilização para o aprendizado
Portaria nº 300, de 07/05/1946	Canto Orfeônico	Disciplina, civismo, convívio
LDB 4.024, de 20/12/1961	Iniciação Artística	Atividades Complementares
Lei 5.692, de 11/08/1971	Educação Artística Ensino polivalente	Sensibilidade
Parecer 540, de 10/02/1977	Educação Artística Ensino Polivalente	Apreciação, imaginação, lazer
LDB 9.394, de 20/12/1996	Ensino de Arte	Desenvolvimento Cultural
Lei 11.769, de 18/08/2008	Conteúdo obrigatório no ensino de Arte	Desenvolvimento cultural

Fonte: Martinoff (2017, p.42)

Lembrando que apesar da aprovação da lei 11.769/2008 como conteúdo obrigatório, tem-se a LDB 9.394/96 estabelecendo a necessidade de formação em cursos de licenciatura para os professores da educação básica. Essas alterações propostas no decorrer do tempo até atualmente, trazem várias propostas para alcançar objetivos, como desenvolver a sensibilidade dos estudantes, aperfeiçoar o caráter, trazer civismo e disciplina principalmente na escola.

Assim, observou-se a importância de haver perfis diversificados de professores com formação coerente e aprofundados nas linguagens já mencionadas. Por isso, temos o parecer 540/77 que fala sobre o trabalho com modalidades artísticas, salientando que o MEC tem autorizações com conteúdos separados trazendo publicações didáticas para entrosamento entre as áreas.

4.9.2 Dança

A partir dos estudos podemos compreender que a experiência estética é produzida na e para Arte, visibilizando um espaço de superação tanto do corpo quanto da mente, dentro da dualidade da sensibilidade e a razão, sob a perspectiva da racionalidade instrumental humana, onde existe mais a prática, busca-se o desdobramento de outras formas de conhecimento, que vão partir mais das áreas de sensibilidade e do imaginário. Trazendo para a dança a experiência do aprendizado no que diz respeito também a memória emotiva e os sentimentos, é nesse sentido que existe a reflexão analítica e pensamento discursivo em prol do conhecimento.

Compreendemos assim que não se tem a concepção de uma coisa, mas dela mesma em si, por isso para um artista existe um significado emocional, é o envolver, o prender atenção e introduzir a quem está presente de forma ativa mesmo que seja no imaginário, para assim a Arte se tornar evidente de forma profunda e original.

Ao tratar da dança em “Sentimento e Forma”, Langer (1980) explica a dificuldade corrente de se analisar a natureza dos efeitos artísticos da dança: Nenhuma arte é vítima de maior número de mal-entendidos, juízos sentimentais e interpretações mística do que a arte da dança. Sua literatura crítica ou, pior ainda, sua literatura acrítica, pseudo-etnológica e pseudo-estética, constitui uma leitura enfadonha. Contudo, essa própria confusão no tocante ao que é a dança – o que ela expressa, o que ela cria e como ela está relacionada com as outras artes, com o artista e o mundo real – tem uma significação filosófica própria. Origina-se de duas fontes fundamentais: a ilusão primária e a abstração básica pela qual a ilusão é criada e moldada (p. 177 *apud* SARAIVA, 2005, p. 223).

Dentro dessa crítica, compreendemos que a dança não é um simples movimento físico, mas uma espécie de representação teatral a partir da música e seus simbolismos. A teoria do simbolismo, de haver um motivo para dança, pois a Imagem plástica em si também não é dança.

Existe então uma variada metamorfose de movimentos que gesticulam um simbolismo, onde temos o subjetivo e ao mesmo tempo o objetivo, se ramificando do pessoal ao público, seja ele algo pretendido ou percebido ocasionalmente a compreensão. Então percebe-se que mesmo tendo gostos diários, eles não significam ser Arte, para isso é preciso muito mais, porém sempre expressivo e discursivo, por isso a chamada auto expressão como dança causa muitas vezes a visão simplista/reducionista.

Então, que “é o sentimento imaginado que governa a dança, não condições emocionais reais [...] O gesto da dança não é um gesto real, mas virtual. O movimento corporal é, por certo, bem real; mas o que o torna gesto emotivo [...] é ilusório, de maneira que o movimento é “gesto” apenas dentro da dança. Ele é movimento real, mas auto-expressão virtual” (ibid., p.186). Compreende-se com isto as contradições aparentes das interpretações da dança, pois o comportamento (ideal) do bailarino é ao mesmo tempo espontâneo e planejado (SARAIVA, 2005, p. 224).

Na dança, os gestos existem de forma ritmada, mas quando se refere ao gesto artístico é algo pessoal, é próprio do artista e seu simbolismo. A dança traça uma conexão entre “tensões espaciais”, “tensões corpóreas” e além disso as “tensões de dança”, essas são produzidas mais por efeitos, como música, luz, cenário no geral que compõem sua apresentação, tudo para criar uma semelhança de auto expressão genuína, não somente com quem está em movimento dentro da dança, mas também se dispor a ser um intermediário entre o ser e o mundo em diversas experiências, criadas e recriadas novamente. Como aponta Saraiva (2005) “a consciência pré-reflexiva do corpo é a base da consciência para formar pontos de vista no mundo; esta é possível somente porque o corpo estabelece um ponto de vista” (p. 228).

A dança como experiência, de ser e como se está no mundo notada pela diferença de gestos quotidianos, nos traz essa orientação pedagógica tão enriquecedora quando se tem o ensino da dança nas escolas como processo artístico e não pontual, pois esclarecer o sentido vasto da dança também é participar da compreensão de como as pessoas a veem, pois é essencial que exista a subjetividade humana sempre ativa nos espaços de vivência, inclusive escolar. Sendo caracterizada por Frischer (1983) essa compreensão como “biografias do corpo” na dança, ela buscou teorias que podem trazer a compreensão das características do corpo-dançante, em suma, objetivando também teorias que buscam esse transpor da separação entre corpo e espírito, analisando sempre o ser humano por completo.

O movimento em dança, nessa perspectiva, não é direcionado, nem limitado, é um movimento no espaço e não através do espaço; o espaço da dança não se determina mais em distância, direção ou tamanho, mas sim por qualidades simbólicas como amplitude, profundidade, altura; altura e profundidade, extensão e largura, não são mais simples conceitos teóricos para o dançarino, mas experiência vivida no próprio corpo. É a abolição da separação entre o Eu e o mundo que possibilita esse momento presente, eliminando o passado e o futuro. Esse, entende-se, é um “corpo dinâmico”, numa “espacialidade estática”, como elaborou Sheets-Johnstone. (SARAIVA, 2005, p. 234).

Assim, a dança como expressão não objetiva, tem seu objetivo, mesmo que seja para conexão consigo mesmo, tornando-se assim um “monólogo”. Mas quando dançada para o outro com intencionalidade, a dança se torna um “diálogo”. A dança é o símbolo daquilo que não se põe na simbologia discursiva, ela traz um espaço para o estado interno, para o corpo (material plástico), materializando o que está internalizado, por isso entende-se que ela é uma expressão vivencial. Ela vai além do momento, corporalmente é a forma de estar no mundo e sua compreensão sobre esse mundo.

Ter essa consciência e compreender tais experiências a ponto de vivê-las, traz um poder para abrir novas possibilidades na constituição da existência humana que é colocada tão fragmentada na nossa cultura ocidental. Tendo assim, o ser como *uno*, mas ao mesmo tempo diverso e subjetivo, trazendo toda historicidade para corroborar numa perspectiva mais poética e mais ética, em uma interação alicerçada e que não pode ser desconsiderada nem afrouxada.

É interessante apreendermos que a Arte não se esgota na parte estética, pois ela se conecta com outras experiências da cultura, transcendência espiritual ou até mesmo política, por isso trazer para a escola, para o estudante, uma experiência estética é totalmente dar a possibilidade de uma experiência artística.

Compreendemos que a busca por realizar tal tarefa faz surgir situações desveladoras de um educar que não se traduz pela transmissão linear de conhecimentos, mas pela criação de novos e instigantes ambientes de aprendizagem. Concordamos com Marques (1999) no sentido de acreditar que os processos de criação artística podem ser compreendidos também como processos educacionais (SARAIVA, 2005, p. 96).

A educação em sua ampla aprendizagem cultural nos faz emergir em pensamentos e práticas de educar que transmitindo passado, presente e na construção das novas perspectivas para o futuro. Como Freire (1978) destaca, “não há dicotomia entre se apropriar do conhecimento já existente e criar novos conhecimentos; tais processos são simultâneos, intersignificam-se” (*apud* PORPINO, 2018, p. 94).

Não se constrói conhecimento do nada, todas essas relações temporais existentes se entrelaçam para o apreender da cultura e a própria apropriação da mesma, é onde encontramos

o sentido da existência, mas também de como se encaminham as novas possibilidades que ainda virão.

Oportunamente, descobrimos que o termo “escola de vida”, tão utilizado em nosso contexto vivido, também é colocado por Morin (2000) ao se referir à literatura, ao cinema e à poesia como verdadeiras escolas de vida. O termo escola nessa situação remete a uma preparação para o viver, significado este que percebemos sintonizar com o sentido também considerado em nossas experiências. [...] Assim, percebemos estreitas relações entre a vivência estética do dançar e o que hoje se discute como uma inevitável e necessária busca por uma compreensão de mundo que atente para a complexidade da condição humana e do conhecimento. A reforma do pensamento proposta por Morin (1999) insere-se neste contexto, propondo atitudes que sejam capazes de religar e solidarizar dimensões da vida tidas como excludentes, o que aponta também para uma atitude ética de solidariedade entre os indivíduos (FREIRE, 1987, *apud* PORPINO, 2018, p. 111 e 113).

Considerando o que Freire nos traz, a necessidade dessa reconstrução do pensamento na educação, pensemos na dança como uma forma de educar que vem trazer inclusão e diversidade, pois nela existe essas conexões entre diversas esferas de existência, não apenas entrando em contato com um mundo de sentidos que um dia já foram estabelecidos pela própria humanidade, mas na quebra desses mesmos sentidos já para se criar novos sentidos e conexões em uma realidade dialógica horizontalizada.

4.9.3 Teatral

O teatro é um eficiente saber pedagógico, trazendo diversas possibilidades para ensino da Arte, buscando trazer de forma mais dinâmica o conhecimento. As informações podem até serem compreendidas de uma maneira diferente do tradicional, assim formando um ser pensante e mais crítico de acordo com sua própria realidade.

Essa aproximação com a vivência do estudante torna a construção dos conhecimentos mais estimulante, desenvolvendo novas habilidades dentro de sala de aula, por isso a importância de sua abordagem desde a matriz curricular.

Entendendo que o teatro trabalha voltado para o sujeito como um todo, todas as linguagens artísticas podem conversar sobre si ou um tema específico, se apoiando na parte teórico-pedagógica, e sociopolítica. Com isso, o vínculo cultural se torna cada vez mais forte e presente na vida de quem participa desse universo, seja estudante ou professor, valorizando ainda mais a nossa cultura e conhecendo novas. Essa metodologia valoriza a reflexão sobre o seu próprio eu, suas origens e o mundo em seu entorno, transformando e resignificando a vida dos que estão envolvidos em cada processo que o teatro desperta.

O teatro é um esforço coletivo que tem uma proposta de mudança social, pautada e vista nas ideias de Paulo Freire (1996), quando se entende esse espaço de uma aprendizagem mútua, utilizando os espaços físicos para além da sala de aula para o aprendizado.

O surgimento do teatro se confunde com o desenvolvimento da própria humanidade. A Grécia é apontada como base do pensamento ocidental e também como o país precursor dessa atividade humana. Desde os primórdios, o ser humano se relaciona com a natureza e a espiritualidade por meio de expressões artísticas em múltiplas formas (música, dança, teatro, literatura, etc.) na execução de rituais para as divindades, em celebrações festivas, exaltando a vida terrena e espiritual (BERTHOLD, 2000). Com o passar dos anos, o desenvolvimento da arte atribuiu características pedagógicas e interdisciplinares ao teatro e colaborou para a inserção das atividades artísticas teatrais na educação (HANSTED; GOHN, 2013, p. 159).

Podemos observar que historicamente surgiram nomes expressivos no universo artístico, que contribuíram para grandes transformações humanas, através de marcos e percepções sobre o mundo em cada época em que viveram e que transformam a cultura a nível mundial, sendo apreciados e respeitados até a atualidade.

Por isso, conhecer a pedagogia da expressão (teatro) é fundamental aos professores, não só os de teatro e de Artes, mas também os de outras disciplinas, para que possam ajudar o estudante a desenvolver a difícil Arte de expressar suas ideias, pensamentos, anseios e desejos (REVERBEL, 1989, p. 175).

Comumente, não vemos essa prática trazida pelos professores, seja por falta de aproximação do próprio professor com o teatro, ou de uma formação mais consistente no próprio. Com isso podemos trazer a fala do dramaturgo Augusto Boal apontando como o teatro é “uma forma de conhecimento e deve ser também um meio de transformar a sociedade. Pode nos ajudar a construir o futuro, em vez de mansamente esperarmos por ele” (BOAL, 1998, p. 11).

Pode-se claramente destacar como os/as estudantes desenvolvem o aprender a ouvir, compreender e aceitar novas ideias assim como expressar suas próprias opiniões com o respeito ao diferente, desenvolvendo seu lado individual, suas inter-relações, promovendo melhora na socialização onde estiverem. Além de estimular a leitura e até melhora em conexão com outras disciplinas.

A aprendizagem do teatro vai para além do simples processo de aprender as práticas de técnicas teatrais, transbordando da escola até seu convívio social e cultural, envolvendo uma importante humanização em todas áreas da vida através do lúdico, desenvolvendo a criatividade dentro de vários contextos.

Disso podemos tirar o quanto o teatro traz uma unificação quando se fala na construção de conhecimento, ou melhor dizendo, sendo uma linguagem que todos passam a entender e

sentir em tradução do seu desenvolvimento. Em suma, o teatro traz consigo a missão tanto de entreter, quanto de educar.

E isso podemos ver presente há muito tempo na sociedade enquanto recurso pedagógico, por parte dos padres da Companhia de Jesus, a qual, segundo Hansted e Gohn (2013, p. 202-203), foi “fundada no ano de 1534, por Inácio de Loyola. O’Malley cultivaram o drama escolar[...]. No Brasil, o teatro foi largamente utilizado pelos jesuítas, como instrumento de catequização dos índios”. Porém oficialmente:

[...] o teatro foi pela primeira vez incluído no currículo escolar da educação básica, com a lei de Diretrizes e Bases (LDB), de 1961 (lei 4.024/61). A referida lei instituiu, de forma não obrigatória, a disciplina Arte Dramática, voltada especificamente para a linguagem teatral. Japiassu (2009) menciona que a disciplina era ministrada em alguns colégios de aplicação, escolas pluricurriculares e ginásios vocacionais. A Lei de Diretrizes e Bases de 1971 (lei 5.692) incorporou obrigatoriamente o teatro ao currículo escolar, com a exigência do ensino de Educação Artística da 5ª série do então 1º grau (atual Ensino Fundamental) à 3ª série do 2º grau (atual Ensino Médio). O título Educação Artística foi criado para nomear a atividade que visava abordar, de forma integrada, teatro, música, dança e artes plásticas. Vale mencionar que Educação Artística, na LDB/71, era considerada “atividade artística” e não disciplina. [...] entre os caminhos possíveis, que foram se formando muitos professores, funcionários de escolas, pais de alunos e até pelos próprios estudantes como supérfluo, ligado a atividades de lazer e recreação, ou como um “luxo”, permitido somente a estudantes de classes econômicas mais favorecidas ou uma área que não vale o investimento seja de tempo ou financeiro. (HANSTED; GOHN, 2013, p. 209).

Mesmo não sendo muito utilizado, é importante compreender que existem muitos caminhos que a Arte pode ser trabalhada como um conhecimento e de extrema importância, sendo um deles o teatro, seja por si só ou atrelado a outras formas de Arte. [...] Entre os caminhos possíveis, nenhum pode ser considerado, absoluta e descontextualizadamente, melhor ou superior aos outros (JAPIASSU, 2009, p. 22). Cabe aos profissionais escolherem e diversificarem suas linhas metodológicas para um melhor resultado de seus objetivos e ampliação das possibilidades do desenvolvimento do/a estudante.

4.9.4 Audiovisual (Artes Visuais)

É incontável a quantidade de histórias, sejam de longas ou curta metragens, de animações a dramas que podem ser trabalhadas através de imagens e sons, que é o que chamamos de áudio visual. Desde nacionais, também podendo contar com internacionais, o áudio visual nos proporciona viver e apreender sobre incontáveis expressões da vida e suas manifestações culturais.

Temos em mente que existem diversos mundos a se conhecer e aprender sobre eles, e assim como ler, precisamos mergulhar no mundo áudio visual e aprender como fazer a leitura desse mundo de imagens, sons e até palavras. Assim, podemos compreender seus sentidos e a cultura inserida seja em minutos ou horas entregues dentro dessa Arte, com muita liberdade da visão individual até a coletiva.

Existem muitas propostas de desenvolver o áudio visual, passando pelo que é mostrado na televisão, documentários, filmes de diversos gêneros, desenhos e videográficos, isso possibilita que possibilita o acesso de diversas maneiras a esse conteúdo, trabalhando dentro ou fora do ambiente escolar com um baixo orçamento. Podendo trazer até o incentivo de criações audiovisuais, o que geralmente, dentro de sala de aula, trazem resultados positivos para o desenvolvimento do estudante de maneira criativa e de liberdade crítica. Isso acontece, pois é muito sedutor todo o processo dessa linguagem e suas possibilidades, que traz os sons e silêncios, contrastes, cenários diversos que podem trazer magia ou seriedade, traduzindo assim um encanto da liberdade de expressão, que conversa coletivamente de forma de maior ou menor intensidade para seu público no trabalho final.

Os audiovisuais participam desse grande motor que é a indústria cultural. E, em estética, política e magia, vão povoando o mundo de histórias. Em estética porque os audiovisuais atuam fortemente naquilo que, no homem, é sensível, constituinte do fenômeno artístico, falando mais aos sentidos do que à razão. Político, porque diz respeito aos negócios públicos, à vida em sociedade (MEC, 2013, p. 46).

Podemos afirmar que a linguagem audiovisual entra na sociedade como um processo civilizatório. Encontramos sinais desse processo em desenhos, pinturas, fotografias, vídeos, rádio, jornais e outros meios de divulgação no geral, entre outros que já citamos acima. Desta forma, trazemos aqui a importância de trabalhar essa interação dentro da escola ao dialogar com a leitura crítica.

Com o auxílio da tecnologia hoje e formas de seu acesso traz uma certa facilidade para a criação desses trabalhos com excelência, usando até mesmo segundos - como sempre vemos em comerciais televisivos - que são muito atrativos e possuem uma mensagem mais direta, tendo em mente que hoje é difícil um estudante não ter acesso aos dispositivos tecnológicos - e para os que não têm podem ser adaptados se possível trabalhados em salas de informática nas escolas, fazendo com que o áudio visual que já é presente na nossa vida tenha mais significado e isso aproxime cada vez mais o estudante do seu entorno.

Espectáculo é tudo aquilo que chama e prende a atenção. É também qualquer apresentação feita para o público. Alguns autores dizem que estamos vivendo uma sociedade do espetáculo, em que tudo é feito para ser apresentado, representado, da roupa que se veste ao gesto que se faz. A nossa sociedade industrial é também uma

sociedade espetacular. Cinema é espetáculo e é também indústria (MEC, 2013, p. 66).

Se o objetivo é ter a educação como prática social vinculada na escola, é importante termos ela de maneira sistematizada, buscando inovações e adequações para a realidade que está inserida, e hoje as tecnologias são recursos que não se podem ignorar, seja na utilização da lousa com um projetor ao computador e celular. É fato que o cinema traz ambientes que nos (re)conhecemos a todo instante, sejam nas ações, lugares, ou a própria vida que se leva dentro das nossas casas, escola ou comunidade. É uma conversa da subjetividade e da objetividade trabalhada também com lembranças vividas por cada pessoa envolvida, seja no projeto ou como telespectador, construindo novas e diversas narrativas e visões sobre a mesma cena. Por isso, podemos afirmar o quanto o cinema na escola pode se tornar enriquecedor para todos envolvidos.

Como produtos dessa indústria, os filmes não foram pensados para atender a determinados requisitos que a educação realizada pela escola exige: a adequação a um conteúdo predeterminado, à seriação, às especialidades, às disciplinas, aos horários. A educação escolar ainda está, em grande parte, centrada na escrita e na oralidade das aulas expositivas que os professores ministram. Assim o filme, que é imagem e som, chega ao ambiente escolar como ilustração, anexo, acessório do texto que, ainda, é o mais forte referencial para a escola, mesmo com todo vigor que a linguagem audiovisual adquiriu na sociedade contemporânea (MEC, 2013, p. 113).

É interessante como o audiovisual traz uma forma de construção de ideias onde o aprendizado se torna recíproco, uma vez que o professor também retoma conhecimentos e aprende novos enquanto media a realização dos exercícios, trazendo uma análise sobre as possíveis construções de ideias trazidas pelos estudantes.

Ao falar do cineasta Bergala, que trouxe uma nova didática da Arte do cinema nas escolas francesas, Fresquet (2013) nos leva a refletir: Será que estamos diante da possibilidade de um novo pensar a escola? Apesar dos desafios não seria possível novos começos com espaço para o criar, e acrescento o criar novas visões sobre a disciplina de Arte e suas articulações sociais e intelectuais?

Esse é um grande desafio atual, mesmo munidos das atualizações tecnológicas, por toda via podemos observar que não é impossível de ultrapassar com preparação do profissional para trazer adequações.

4.10 CAMPOS TOCADOS PELA ARTE: QUE POR MUITAS VEZES ESQUECIDOS, MESMO LIGADOS A ARTEDUCAÇÃO

Aqui traremos brevemente dois campos para se pensar além do que se vê diretamente em atividades escolares. Entre eles, um que foi separado da Arte, apesar da veia artística presente e reconhecida, este nos dá mais base para compreender como a desvalorização da disciplina e do movimento acaba sendo inferiorizado, apesar de participar claramente no desenvolvimento pessoal do estudante dentro ou fora das escolas.

4.10.1 Literatura como Arte

A literatura constrói a visão de mundo do artista, mas não reflete a compreensão da realidade, afinal, é original e uma expressão simbólica do mundo. Vale ressaltar que um grande trabalho artístico é universal e atemporal, pois fala dos problemas inerentes à condição humana. A arte tem um propósito claro e simples: nos dar uma nova perspectiva de alguma forma e remover algumas das semelhanças convencionalmente estabelecidas.

A distinção pragmática entre linguagem literária e linguagem cotidiana é muito mais clara. Recusamo-nos a rotular tudo como poesia ou mera retórica que nos convence a tomar uma ação externa definida. A poesia nos afeta mais sutilmente. A Arte modula as suas afirmações do mundo real. Assim, em nossa análise semântica, podemos reintroduzir alguns conceitos estéticos comuns, como: "contemplação altruísta", "distância estética" e "estruturação". Mais uma vez, devemos reconhecer que a distinção entre Arte e não-Arte, entre evolução da linguagem literária e não-literária, é fluida. Como diz, Wellek e Warren (2003, p. 14), “a língua é o material da literatura, como a pedra ou o bronze são o da escultura, as tintas o da pintura, os sons o da música. [...] carregada com a herança cultural de um grupo linguístico.”

Se já sabemos que a Arte tem o poder de nos conduzir reflexões através de expressões subjetivas artísticas, é fácil inferir que a literatura também é uma expressão artística. A literatura é uma forma de Arte escrita em prosa ou verso, usando a linguagem como matéria-prima oral ou escrita. No entanto, nem todos os textos são literários, existem textos não literários.

De fato, as obras literárias têm algumas características como: Linguagem intencional (que traz sentido metafórico e a resignificação das palavras), figura de linguagem, ritmo, repetições (de acordo com objetivo traçado pelo autor), valor e graça. É importante salientar que as palavras, mesmo inativas ou por vezes desaparecidas poderão ser ressuscitadas. Ele desaparecerá por moda da época, mas só assim se faz, porque a soberania pertence somente a ele a quem escreve de Lei e Legislação Linguística.

No arranjo das palavras deveras também ser subtil e cauteloso e magnificamente dirás se, por engenhosa combinação, transformares em novidades as palavras mais correntes. Se porventura for necessário dar a conhecer coisas ignoradas, com vocábulos recém-criados, e formar, palavras nunca ouvidas [...] (HORÁCIO, 2012, p. 59).

Parece que a distinção que precisamos fazer é entre julgamentos explícitos e implícitos, que não podem ser equiparados à distinção entre julgamentos conscientes e inconscientes. “A classificação da arte deve ser distinguida da avaliação.” (WELLEK; WARREN. 2003. p.20). Há um juízo sensível, há um juízo racional. Não há contradição necessária entre eles: uma sensibilidade não pode ganhar muito poder crítico sem ser influenciada por formulações teóricas bastante gerais e, em questões literárias, os julgamentos racionais só podem ser baseados em uma base perceptiva.

Todas essas diferenciações entre literatura e não-literatura que se pode discutir, que passam pela organização, a expressão pessoal, a percepção e exploração, a ausência de intenção prática, natural, ou imaginária, são consideradas reconstruções, de natureza de análises semânticas, em outras palavras, sobre a “unidade estética”, “estrutural” e “inventiva”. Sendo que cada um deles descreve uma característica da obra literária, e suas direções semânticas que citamos anteriormente.

Porém, destaca-se que nenhum é satisfatório, pois, acredita-se que minimamente um resultado surgirá, falamos sobre como, uma obra de arte literária não pode ser algo simples em sua totalidade, mas um ordenamento rico em complexidade, de inúmeras camadas acumuladas, e assim de diversos significados e relações. Por isso, quando se trata de objetivo, analisamos o destaque de Wellek e Warren (2003): “os poetas ou querem ser úteis ou dar prazer ou, ao mesmo tempo. Tratar de assunto belo e adaptado à vida” (p. 105). E ainda mais sobre suas obras literárias, caracterizando que: “a visão de que a poesia é prazer (análoga a qualquer outro prazer) responde a visão do que poesia é instrução (análoga a qualquer livro didático)” (p. 24).

[...] é provável que toda arte seja “doce” e “útil” aos seus usuários adequados: que o que ela articula seja superior ao seu devaneio ou reflexão auto-induzidos, que lhes dê prazer pela perícia com que articula o que eles consideram como seu próprio devaneio ou reflexão e liberação que experimentam por meio dessa articulação. (WELLEK; WARREN, 2003, p. 25).

Acima de tudo, deve-se levar em consideração que não é qualquer pessoa mesmo com olhar crítico que tem a capacidade de identificar e compreender poemas desarmônicos; por isso poetas romanos por exemplo, tenha uma indigna aprovação. Mas não é esse o motivo que

traz uma literatura estar dentro ou não de regras, ou se prender a medos de julgamentos se tornando cauteloso com esperanças de ser aprovado.

Mesmo assim pensando e seguindo não indica que é o caminho para a “coroa de louro” a ponto de ter condescendência, que passa a ser praticamente uma ignorância. Se atualmente nós sabemos identificar um jogo de palavras como belo ou malfeito e é por meio dessas experiências e estudos.

Há quem discuta se o bom poema vem da arte se da natureza: cá por mim, nenhuma. arte vejo sem rica intuição e tão-pouco serve o engenho sem ser trabalhado: cada uma destas qualidades se completa com as outras e amigavelmente devem todas cooperar. (HORÁCIO, 2012, p. 117).

Por isso vejamos como a ligação da arte e a literatura é íntima a ponto de compreendermos seus caminhos entrelaçados por conceitos e objetivos quando se é trabalhada de forma adequada e com sua potencialidade, seja pelo estudo gramatical ou artístico, ambos estão a se complementar.

4.10.2 A Arteducação e suas nuances terapêuticas

Desde o Movimento de Escolinhas de Arte, baseadas nas ideias filosóficas de Herbert Read e posteriormente outros teóricos da Arteducação. Podemos afirmar que:

Retomar a história nos remete à pesquisadora da História da Arteducação do nosso país Ana Mae Barbosa (1996, p. 11), quando ela afirma que “A história é importante instrumento de auto identificação”. Ana Mae ressalta ainda que devemos enaltecer, respeitar nossos heróis e heroínas. Noemia Varela é uma de nossas heroínas por sua inteligência, sensibilidade, por sua dedicação e espírito aberto aos estudos, pela coragem de ser aprendiz aos 80 anos, ensinando para cada um de nós a beleza de inventar/reinventar cada dia, como se cada um deles fosse todo um universo de sutilezas a serem descobertas. É assim que nossa mestra pensa as obras de arte, a estética do cotidiano e o pensar/fazer estético e artístico de seus alunos/aprendizes. (AZEVEDO; ARAÚJO; DUARTE, 2021. p. 596).

A importância gerada dentro desses estudos e práticas trouxeram para a medicina um grande avanço, principalmente no que se diz respeito a saúde mental, nos trazendo a perspectiva da reinvenção de forma vívida e de extrema importância quando se busca a inclusão. Em uma exposição organizada pensando em pontuar e representar aprendizagens afetivas e a localização onde as pessoas envolvidas são cuidadas e expõem e tecem suas histórias, trazendo assim simbolismos e memórias. Foi:

Fátima Bulcão, arteducadora, que sonhou e concretizou essa exposição juntamente com Altair Lustosa, Ana Maria Duarte e demais professoras e funcionários da Escola de Educação Especial Ulisses Pernambucano [...] como instigante desafio ao pensar a Arte, o seu ensino e sua História, devo realçar que ela é também uma seta

nos indicando o caminho de uma sociedade inclusiva. Inclusão que estamos construindo passo a passo, por meio da concepção de Arteducação que emancipa e liberta, à medida que respeita os variados modos de construções culturais das minorias. (AZEVEDO; ARAÚJO; DUARTE, 2021, p. 595).

Apesar de não encontrada dentro da disciplina de Arte em si, para ler exposições artísticas com objetivo de trazer para si ou para o outro um olhar sensível, criativo e inteligente, é preciso que a cada trabalho exposto passe pelo ato de olhar a partir de ângulos que despertem as potencialidades humanas sejam elas individuais ou coletivas.

Sendo assim, se consegue ler o que o artista nos apresenta e ainda mais possibilidades que sempre estão abertas dentro da Arte, pois é de quebrar limites e padrões que a Arte se reinventa e revive pelo mundo e por diversas épocas, instigando a diversidade e o respeito pela mesma.

Quando tocamos na questão da diversidade é inevitável não pensar em inclusão. A educação inclusiva procura minimizar a exclusão social e a segregação, e dentro do contexto escolar os desafios para alcançar esse objetivo vai tocar desde a educação formal e não formal, e em diversas linguagens.

Como base para exemplificar tal ideia, temos o que se chama desenho universal por Cambiaghi (2007), que busca trazer essa acessibilidade cultural aos estudantes. Como:

1 IGUALITÁRIO uso equiparável -São espaços, objetos e produtos que podem ser utilizados por pessoas com diferentes capacidades, tornando os ambientes iguais para todos. 2 ADAPTÁVEL uso flexível -Design de produtos ou espaços que atendem pessoas com diferentes habilidades e diversas preferências, sendo adaptáveis para qualquer uso. 3 ÓBVIO uso simples e intuitivo -De fácil entendimento para que uma pessoa possa compreender, independentemente de sua experiência, conhecimento, habilidades de linguagem, ou nível de concentração. 4 CONHECIDO informação de fácil percepção -Quando a informação necessária é transmitida de forma a atender as necessidades do receptor, seja ela uma pessoa estrangeira, com dificuldade de visão ou audição. 5 SEGURO tolerante ao erro -Previsto para minimizar os riscos e possíveis consequências de ações acidentais ou não intencionais. 6 SEM ESFORÇO baixo esforço físico -Para ser usado eficientemente, com conforto e com o mínimo de fadiga. 7 ABRANGENTE dimensão e espaço para aproximação e uso -Que estabelece dimensões e espaços apropriados para o acesso, o alcance, a manipulação e o uso, independentemente do tamanho do corpo (obesos, anões etc.), da postura ou mobilidade do usuário (pessoas em cadeira de rodas, com carrinhos de bebê, bengalas etc.) (CAMBIAGHI, 2007, p. 272).

Inclusive trazendo a conexão para trabalhar de forma que traga a inclusão dentro dos espaços escolares e não escolares, seja para portadores de deficiência ou não. Porém, sabemos que na maioria das vezes não é possível alcançar todos os pontos listados por Cambiaghi (2007), porém a necessidade pela busca de alcançar cada vez mais o estado “ideal” é de extrema importância, para quem tem a necessidade dessas adaptações como também para a

sociedade que está em torno dela, em formas de compreender direitos pessoais e sociais, gerar empatia e lutar contra o capacitismo.

É examinar os significados, interpretações e a relação estética com todas reações que o homem traz à tona, fazendo isso, é possível entender a diversificação de respostas e avaliações sobre a mesma Arte, pois a relação com a Arte de cada pessoa é diferente, o que pra uns é de lisonjeio estudar e admirar, pra outros é simplesmente uma forma de lazer. Então:

Deste modo, esse ponto de vista reduz a arte à mais comum das emoções e afirma que não há nenhuma diferença essencial entre o sentimento comum e o sentimento suscitado pela arte e que, conseqüentemente, a arte é um simples ressonador, um amplificador e um aparelho transmissor do contágio pelo sentimento. A arte não apresenta nenhuma diferença específica porque, neste caso, a sua avaliação deve partir do mesmo critério de que partimos quando apreciamos qualquer sentimento. A arte pode ser boa ou má se nos contagia com o sentimento bom ou mau. [...]Tal etica, tal estética: eis o lema dessa teoria. (COSTA; ARAÚJO JÚNIOR, 2018, p. 303-304).

A Arte resulta em aspirações e lutas extremamente complexas e que por horas se faz simples, é o grito e o silêncio que se revela na existência, por isso se encontra como diversa e ao mesmo tempo singular, trazendo emoções contextualizadas na matéria ali presente na Arte, a que mais do que em espaços específicos se ramificam para ser enriquecedora para a sociedade.

E Guyeau tem toda razão ao atribuir uma importância colossal ao papel que a arte desempenha na sociedade. A arte introduz cada vez mais a ação da paixão, rompe o equilíbrio interno; modifica a Vontade em um sentido novo, formula para a mente e revive para o sentimento aquelas emoções, paixões e vícios que sem ela teriam permanecido em estado indefinido e imóvel. [...] a diferença entre a emoção real e a estética está em que esta não é refletida imediatamente por nenhuma ação. Entretanto, diz que, se repetidas ao modo insistente, essas emoções servem de base ao comportamento do indivíduo, e o tipo de leitura pode influenciar a qualidade da sua personalidade (COSTA; ARAÚJO JÚNIOR, 2018, p. 316).

Se em ousadamente pudesse traçar planos para o futuro de como esse reconhecimento e esse ato de apreender com a Arte se torna terapêutico além do que já vimos, é ver a reconstrução de uma nova sociedade, e não nos apeguemos ao mundo capitalista ou social, mas uma comunhão do ser humano como ser, que vive Arte e a reinventa a cada olhar, a cada nova criação e recriação física, mental, realista ou abstrata, em um infinito ciclo de “inconclusões”.

5. ANÁLISE DOS DADOS

Primeiramente, destacamos que utilizamos a análise de conteúdo enquanto um primeiro exercício de aproximação metodológica, que para Bardin define-se como:

Conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores que permitem a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. [...]

A análise de conteúdo de Bardin organiza-se em três etapas: pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. Através dessas etapas objetiva-se descrever o conteúdo do material e interpretá-lo. (BARDIN, 2010, p. 42 e 121).

Nesse sentido, observamos como é importante começar a compreender o que é Arte em sua amplitude e para isso trazemos a discussão discorrendo sobre o caminhar histórico da Arte, incluindo desde os tempos remotos com as pinturas rupestres até os dias atuais, relacionando a possibilidades de uso de tecnologias para aproximação sobre o movimento que a Arte e sua disciplina nas escolas foram sendo moldadas e incorporadas ao cotidiano para desenvolvimento humano. Sendo assim, um assunto atemporal e de interesse de diversas áreas onde ela pode estar sendo vinculada. Por isso trazemos mais uma vez Read, destacando que:

A arte, justamente por exigir uma apreensão intuitiva, não pode ser vista apenas como história. Ela é uma atividade atual, e eu consideraria a minha tarefa cumprida apenas pela metade se, ao ensinar a fruição da arte do passado, não levasse meus alunos a apreciar a arte da atualidade. A arte hoje é um testemunho de nossa cultura, um testemunho de suas qualidades positivas e de suas limitações, da mesma forma que as artes do passado representam as culturas do passado. Não podemos participar totalmente da consciência moderna se não conseguirmos aprender a apreciar a arte significativa de nossa própria época. Como as pessoas não aprenderam, na juventude, o hábito da fruição, tendem a se aproximar da arte contemporânea com a mente fechada. Elas a submetem a análise intelectual quando o que ele pede é a compreensão intuitiva. Elas não têm pureza de coração e, portanto, não conseguem compartilhar da visão do artista. Isso é triste, e parece-me que uma das funções básicas da universidade como esta, que forma centenas de professores e professoras, é abrir os olhos de seus alunos e ativar sua sensibilidade, de modo que eles possam apreciar o que vêem. Pois o que eles apreciam vendo (*id quod visum placet*) é arte (READ, 2001, p. 292).

Em análise no referencial teórico, mostra a importância de como de forma dinâmica e lúdica se é trabalhado o lado intelectual, trazendo uma visão mais crítica, pois o ser humano em contato devido com a disciplina de Arte não se detém apenas no fundamento do aprendizado cobrado e que por muitas vezes estão dentro de um padrão fora da realidade do estudante.

A Arte vem para apreender a ler com criticidade o mundo em volta com um olhar de transformações que vão contribuir para melhorar a sociedade, e é através da conexão de como

é realizada a prática da disciplina da Arte que essa transformação pode ser iniciada, começando de coisas simples que aparentemente não fazem diferença, mas que com o tempo vai se formando em conjunto conhecimentos que a cada momento se interligam e trazem novas ideias, onde são renovadas através da práxis na movimentação artística de ser do ser humano de qualquer idade.

Por isso, a importância de se estimular a curiosidade nas escolas, a autodeterminação e esperança para que haja sempre a ação do questionamento como um ciclo que não se conclui na resolução, mas vai se renovando com novos questionamentos.

E para os professores, lembramos de Paulo Freire, que ressalta uma pedagogia como aquela onde existe a questão do não concluído na leitura do mundo. “A eficiência da nossa mediação é, até certo ponto, dependente de nossa capacidade de modificar o meio ambiente. A educação, na verdade, é inseparável de nossa política social como um todo.” (READ, 2001, p. 329).

Ao iniciar a pesquisa do TCC, tínhamos um pressuposto no qual destacava a descontextualização e desvalorização da Arte, por falta de conhecimento e da própria prática em sala de aula, o que poderia causar o distanciamento da disciplina de Arte, fazendo com que o professor/a e o estudante passasse a entrar em um processo de não reconhecer a importância do desenvolvimento acadêmico e social que como vimos está diretamente ligada se usada de forma mais “ideal”, trazendo a interdisciplinaridade e o reconhecimento dos profissionais da área e da própria educação continuada, deixando de lado capacitações vazias do verdadeiro sentido e objetivo da Arteducação.

Observando a bibliografia estudada, nosso pressuposto acaba sendo confirmado, pois o modelo “ideal” citado em momentos anteriores que encontramos, não é o mesmo nas práticas pedagógicas encontradas atualmente, trazido nos estudos bibliográficos presentes nesse TCC, Estágio que estive presente em observação e participação e a própria experiência de vida pessoal, constatando que essa não é uma realidade que surgiu há pouco tempo, mas é um movimento que veio se colocando - ouse dizer estruturalmente - desde o currículo até a prática dentro da escola e conseqüentemente nos espaços não escolares.

Necessitamos, mais do que nunca, de um novo modelo educacional que além de colaborar para a formação do ser, também reconheça a aprendizagem como um processo complexo em permanente construção, [...]. Um paradigma que colabore para a formação integral do ser aprendiz que seja capaz de aproximar a educação da vida e trazer um pouco mais de vida para dentro de nossas salas de aula (MORAES, 2004, p. 03).

Olhando o papel escolar, esse é primordial no processo que acontece no ensino-aprendizagem do estudante, sendo importante grifar que é um lugar privilegiado para se ter espaço onde o estudante tenha liberdade para refletir sobre produções artísticas e filosóficas, assim também como os professores de trabalharem com esses objetivos.

O contato com diferentes tipos de movimentos artísticos, ou pelo menos alguns deles, faz com que o mesmo adquira com o tempo mais facilidade de ler, compreender e interpretar palavras, sons e imagens que envolvem seu mundo e o do outro com respeito e sensibilidade.

A luta pela liberdade, à qual os homens podem corretamente dedicar a suas vidas, deveria ser vista como uma luta pelo o direito de experimentar: a liberdade não é um fim em si, não é uma política ou um programa. Ser livre de todos os laços é uma infelicidade – ter nascido como uma cruz, e não com uma coroa de glória. Significa que a responsabilidade, em vez de ser compartilhada por muitas gerações, deve ser pessoal. Viver em liberdade é uma responsabilidade pessoal, ou então é uma mera farsa (READ, 2001, p. 321).

Com isso, inspiremo-nos em Sócrates quando ele diz: ‘Só sei que nada sei’, essa expressão vejo como uma base para o ato de pesquisar e apreender, é aquilo que nos referimos como a importância do inacabado, onde o ponto final não será um fim, mas a reiniciação de um novo ciclo das descobertas de novos questionamentos e seus aprofundamentos.

Por isso é essencial o respeito tanto pela voz que ecoa quanto a que sussurra, e não menos importante também aquela que cala, é o direito de acessar a humanização que muitas vezes Paulo Freire traz evidência em suas leituras do mundo. Por fim, na tentativa de inspirar:

Me inquieto para dizer
Não tenho medo não
Pois o desconhecido foi feito pra conhecer
Organizações que não cabem em versos
Mas aqui estou eu tentando escrever

Ter mil faces não quer dizer conhecer tudo
Mas de tudo um pouco eu vi
E não foi de tão longe assim
Eu fui na rede e entendi
Que conhecer é também experienciar

Experienciando
Palavra bonita, que tem seu encanto
E de canto a canto
Fui
Conhecer, experienciar lutas em vida
Lutas do ser, vivenciar eu fui

Fui como deu
Pandemia chegou e remotamente se deu
E com muito esforço
Lindos trabalhos se reconheceu

De longe ainda se vive
E o reconhecer em parte de nós estar
Sem perceber que outras palavras
Chega pra nos reverenciar

Esperançar, Lutas, Cuidar, Ressignificação
Educação interdisciplinar, Inclusão, Reinvenção
São palavras iniciais
Queremos em projetos para sem ilusões

Depois vem democratização, liberdade e o sagrado
E ainda aprendi que como Paulo freire falou
O importante é transformar para um sujeito falante
Ter seu direito em relevante

Mudança de realidade contando com a arte sendo terapêutica e tocando até a
espiritualidade
Libertando-se assim como tantos passarinhos
Reconhecendo-se e transformando-se até como quiser
Pois nessa caminhada temos parceiros
Que com sabedoria respeita todos que vier

E todos nesse ato de compartilhar
Existe mobilização e ação de maravilhar
Vamos rompendo estereótipos
E aprendendo a amar
Entre esse perder-se, buscar-se e encontrar

Elionara Maria

6. (IN)CONCLUSÕES

Vemos que reconhecer a Arte como disciplina primordial é conhecê-la historicamente para assim poder adaptá-la ao contexto social que o pedagogo está inserido. Percebemos que desde as pinturas rupestres até a atualidade, a Arte está presente na vida de todo ser humano e de diversas formas. Trazer para as escolas a Arteducação sendo trabalhada em sua amplitude, traz para o professor/a e ao estudante desenvolvimentos além do que vemos como artístico, mas social e político.

Por isso, este TCC traz o apoio à construção dessa importância dentro dos cursos de licenciatura em pedagogia em movimento para uma transformação curricular, com a valorização da educação continuada e de professores das linguagens específicas das Artes. Acentuando o quanto a atualização de conhecimentos dos pedagogos já em atuação é de extrema importância para que esse contexto de desvalorização e desinteresse sobre a disciplina, que a deixa sem vida, passe a se revelar para os estudantes como ela tem o potencial de ser.

Existe uma necessidade que a Arte seja vista em todas suas possibilidades, pois não há dúvidas que a Arte é fonte de conhecimento e transformações de cada ser que a entende e mergulha em suas fontes, e na escola a Arteducação possibilita esse contato tão enriquecedor do ser.

Então, façamos desse ato de luta em evidenciar a potencialidade da Arte e de como sua disciplina pode ser riquíssima para o desenvolvimento humano quando trabalhada adequadamente, e assim como nas ideias pautadas em Freire, trabalhar a liberdade de ser um estudo inacabado, pois a cada dia estamos em um movimento de mudanças e aprendizados. E assim como já dizia Raul Seixas “eu prefiro ser essa metamorfose ambulante”, para que com a prática da práxis estejamos aprendendo com todas “inconclusões” que nos estingam a apegar cada vez mais, em todas possíveis vertentes que a Arte transpassa tão significativamente.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Maria Eliza D. A. **Etnografia da Prática Escolar**. 18ª Edição. Papiros, Campinas-SP. 2012.

AZEVEDO, Fernando Antônio Gonçalves de; ARAÚJO, Clarissa Martins de; DUARTE, Ana Maria Tavares. **Dizer sim à existência é o que podemos aprender** —pelos caminhos da Arte —com Noemia de Araújo Varela e Nise Magalhães da Silveira.596Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 582-601, maio/ago. 2021.Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/gearte>. Acesso em 09 out. 2022.

AZEVEDO, Fernando Antônio Gonçalves de; ARAÚJO, Clarissa Martins de. Evoco Memórias para Não Silenciar Frente aos Registros Protocolares (CONFAEB de 1993).**Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 69-87, jan./abr. 2020.Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/gearte>. Acesso em 10 ago. 2022.

AZEVEDO, F. A. G. de; ARAÚJO, C. M. de; DUARTE, A. M. T. Dizer sim à existência é o que podemos aprender — pelos caminhos da Arte — com Noemia de Araújo Varela e Nise Magalhães da Silveira. **Revista GEARTE**, [S. l.], v. 8, n. 2, 2021. DOI: 10.22456/2357-9854.117521. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/117521>. Acesso em 09 ago. 2022.

BARBOSA, Ana Mae (org). **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. 5ª edição – São Paulo: Cortez, 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa, 2010.

BARROS, José D Assunção. **História e música**: considerações sobre suas possibilidades de interação. História & Perspectivas, Uberlândia. 2018

BOAL, A. **Jogos para Atores e não Atores**. 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília-DF, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em 10 ago. 2022.

CAMBIAGHI, Silvana. Desenho Universal: Métodos e Técnicas para Arquitetos e Urbanistas. São Paulo: SENAC, 2007. Disponível em: <https://www.acessibilidadenotrabalho.org/modulos/acessibilidades/acessibilidade-arquitetonica-desenho-universal>. Acesso em 27 out. 2022.

COSTA, R. X. da; ARAÚJO JÚNIOR, A. P. de. Artes visuais & inclusão: maquetes táteis de obras de arte a baixo custo. **Revista GEARTE**, [S. l.], v. 5, n. 1, 2018. DOI: 10.22456/2357-9854.81558. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/81558>. Acesso em 09 ago. 2022.

CRUZ, Cláudia Rivana Sousa da. O ensino de arte em tempos modernos. In: **Arte maranhense**: produção & ensino/Raimunda Fortes (org.). – São Luís: R. Fortes, 2005.

DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DIÓGENES, Elione Maria Nogueira; SILVA, Ricardo da. Políticas públicas de educação no Brasil: epistemologias. **Brazilian Journal of Development**. v. 6, n. 5, p.27912-27929. Curitiba -2020. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/issue/view/91>. Acesso em 27 out. 2022.

FISCHER, Ernst. **A Necessidade da Arte**. 9º ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. Disponível em: <http://docslide.com.br/documents/ernst-fischer-a-necessidade-da-arte.html> . Acesso em 19 out. 2022.

FELÍCIO, W. A. S. Teatro e a escola: funções, importâncias e práticas. **Revista CEPPG – CESUC – Centro de Ensino Superior de Catalão**, Ano XI, n. 20. Catalão, 2009.

FORTES, Clarissa Corrêa . Interdisciplinaridade: Origem, conceito e valor. **Revista Acadêmica Senac Online**, [S. l.], v. 06, p. 01-11, [2009]. Disponível em: http://www.pos.ajes.edu.br/arquivos/referencial_20120517101423.pdf. Acesso em 20 out. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

FRESQUET, A. **Cinema e educação – Reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

Hansted, Talitha Cardoso; Gohn, Maria da Glória. Teatro e educação: uma relação historicamente construída. **EccoS – Rev. Cient.**, São Paulo, n. 30, p. 199-220, jan./abr. 2013.

HORÁCIO. **Arte Poética**. Ed.: 4 – Lisboa. 2012. Disponível em: <https://docplayer.com.br/35829837-Classicos-inquerito-tenro-12-horacio-arte-poetica-introducao-traducao-e-comentario-de-k-m-rosado-fernandes-da-faculdade-de-letras-de-lisboa.html>. Acesso em 27 out. 2022.

JAPIASSU, Ricardo. **A linguagem teatral na escola: pesquisa, docência e prática pedagógica**. Campinas: Papirus, 2007

JUSBRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases - Lei 9394/96. (Art. 26.)** Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11691973/artigo-26-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996> . Acesso em 26 out. 2022.

KERDINA. **História da Arte**. Disponível em: <http://historia-da-arte.info>. Acesso em 26 out. 2022.

MARQUES, Emanuele Sousa. et al. A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 4, p. 1-6, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/SCYZFVKpRGpGpq6sXsX6Sftx/?lang=pt>. Acesso em 26 out. 2022.

MARTINOFF, Eliane Hilario da Silva. **O ensino de música na escola pública brasileira no período de vigência da Lei 5.692/71 e seus reflexos na atualidade** - São Paulo, 2017.

METAMORFOSE AMBULANTE. Intérprete: Raul Seixas. Compositor: Raul Seixas. Album: Krig - Ha, Bandolo. Gravadora: Pjilips Records.1973.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). **Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica**. C871a. Audiovisuais: arte, técnica e linguagem. / Laura Maria Coutinho – 4 ed. atualizada e revisada – Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso / Rede e-Tec Brasil, 2013.

MORAES, Maria Candida. **Reencantando a educação a partir de novos paradigmas da ciência**. São Paulo: PUC, out.2004.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa; MAGALHÃES, Ana Del Tabor Vasconcelos. Docência em Arte no contexto da BNCC: É preciso reinventar o ensino/aprendizagem em Arte? **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 220-231, maio/ago. 2018. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/gearte>. Acesso em 26 out. 2022.

READ, Hebert. **A Educação Pela Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RUTHSAM, Luciana. Negacionismo na pandemia: a virulência da ignorância. UNICAMP, Campinas, 14 abr. 2021. **Cultura e Sociedade**. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2021/04/14/negacionismo-na-pandemia-virulencia-da-ignorancia>. Acesso em 26 out. 2022.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização, **Quilombos**: modos e significados. Brasília: UnB/ CNPq, 2015

SARAIVA, Maria do Carmo. O sentido da dança: arte, símbolo, experiência vivida e representação. **Movimento**, vol. 11, núm. 3. p. 219-242. Escola de Educação Física - Rio Grande do Sul- setembro/dezembro de 2005.

SIEBERT, Emanuele Cristina; FISCHER, Julianne. **Desmontando o triângulo**: contribuições de Vygotsky e Barbosa para o ensino contemporâneo da arte. PUCPR, 2009. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2490_1508.pdf . Acesso em 26 out. 2022.

THIESEN, Juares da Silva. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação** v. 13 n. 39, 2008. Disponível em: http://www.famam.com.br/admin/anexos/24-02-2015_05_09_36_.pd . Acesso em 26 out. 2022.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários**. Martins Fontes. São Paulo - 2003.

PORPINO, Karenine de Oliveira. **Dança é educação [recurso eletrônico]** : interfaces entre corporeidade e estética. 2. ed. – Natal, RN : EDUFRRN, 2018